ENTREVISTA
Para Jeff Maggioncalda, do site Coursera, Brasil virou celeiro de talentos para empresas globais

TENSÃO ENTRE PODERES
Superada a crise com as emendas, Senado avança na reoneração com STF, mas conta de R$ 26 bi fica com governo

APÓS SILVIO SANTOS
Como fica o império empresarial do apresentador, que passa a ser administrado por suas seis filhas

ISTOÉ Dinheiro

TAUÁ ATIBAIA
Sob o comando de Lizete Ribeiro, a empresa mineira investe no interior paulista e prepara sua estreia no Nordeste

OS RESORTS TEMÁTICOS BILIONÁRIOS

Com investimentos de mais de R$ 10 bilhões pelo País, grande grupos hoteleiros lançam projetos ambiciosos, batem recordes de visitação e vendas e elevam o nível de serviços para convencer o turista a ficar no Brasil

Clube de Revistas
Dicas de ouro
Bradesco
para não cair
em cilada.
BLOQUEADO
Perdeu seu cartão de crédito?
Bloqueie no app Bradesco.
Achou? Desbloqueie.

O PAC QUE EMPACOU

A versão dois do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), uma invencionice que Lula lançou propagandisticamente como forma de mostrar comprometimento com a retomada econômica do País, não passou mesmo de conversa fiada. Mais uma vez. O anterior, no original, também não foi além da intenção, e esse, agora, pelo visto, reeditando a sina, segue a mesma trilha, coroando de forma enganosa a terceira edição de governo federal do demiurgo de Garanhuns.

Um ano depois de anunciado com pompa e circunstância, o PAC 2 virou a quimera de um plano grandiloquente. Dos 11.656 empreendimentos previstos para decolar em suas asas, 5.666 ainda seguem no que, na Esplanada dos Ministérios, é chamada de "ação preparatória". Em outras palavras, ainda não venceram sequer a fase de formalização, adequação à lei e planejamento. A Casa Civil informou que tais projetos avançam na ordem do dia, mas poucos estão com o status de "em execução". Nesse bloco, estão apenas 4.908 e, para variar, com o cronograma atrasado. Apenas 936 foram concluídos, informa a pasta. A falta de recursos para investimentos é notória, ainda mais em tempos de orçamentos secretos e emendas PIX para o uso descontrolado de parlamentares. O engajamento da iniciativa privada, com a participação efetiva via parcerias, também está aquém do desejado. Não por falta de interesse, diga-se de passagem. Mas por ausência de estrutura clara do que o Estado quer em cada uma das licitações que ainda nem saíram.

Uma fama, quase como sina, dá conta de que os decantados projetos petistas que embarcam nos tais PACs nunca são concluídos na integralidade. As obras sofrem majoração de preços, rios de dinheiro são gastos, e nada, entregue. É um exagero, mas os problemas nesses casos parecem frequentes e ilustram a péssima impressão e descrença que causam na população. Lula reclama que a burocracia sempre atrasou ou comprometeu seus objetivos nesse sentido. Ele argumenta que quando comunicou a volta do PAC, com R$ 18,3 bilhões em obras, atendendo 91 municípios, queria dar um choque de retomada no Brasil e colocá-lo de volta à rota do crescimento. Ainda não conseguiu, mas continua acreditando. Na sua primeira gestão, as medidas ficaram mais circunscritas à esfera institucional, para melhorar o gasto público em infraestrutura. Na reedição do governo, veio finalmente o PAC, porém a tentativa de mudança de ideologia dentro da administração federal sofreu diversas críticas, com a de que o Planalto desperdiçava dinheiro sem critério. Havia de tudo um pouco: desde investidas em logística e energia até aquelas de cunho mais social e urbano. Foi nessa fase que o governo começou a construir as grandes hidrelétricas da Amazônia.

A memória que tudo deixou não é das melhores, embora muitos advoguem que, com os PAC, ao menos essas gestões petistas demonstram a vontade de apostar na infraestrutura, sem a qual realmente não há como esperar crescimento econômico. A dúvida que fica: passado um ano de lançamento, conseguirá o PAC 2 cumprir as metas que traçou? Com a palavra o pai da criança, Lula em pessoa.

Carlos José Marques
Diretor editorial

 FOTOS: MATEUS BONOMI I FABIO RODRIGUES-POZZEBOM I DIVULGAÇÃO

Índice

CAPA Foto: Cristiano Mariz/Agência O Globo

INFRAESTRUTURA

LULA QUER FUNDO DE PENSÃO NO PAC

A encruzilhada fiscal do governo federal, que precisa segurar gastos se quiser manter de pé o Arcabouço Fiscal, chegou em um novo ponto de inflexão. A ideia é solicitar que os grandes fundos de pensão de estatais retomem os investimentos em infraestrutura, sobretudo nos projetos do PAC, como forma de garantir que haja recursos para o financiamento das obras. Em reunião com representantes de fundos como o da Previ (dos funcionários do Banco do Brasil), da Petros (da Petrobras), da Funcef (Caixa Econômica Federal) e do Postalis (dos Correios) Lula e Haddad teriam "aberto o jogo", segundo um dos presentes. O alerta feito pelos executivos, no entanto, é que algumas mudanças precisarão ser realizadas para execução do investimento. Nos últimos anos, o compliance deste tipo de negócio endureceu as regras para aportes em obras públicas, muito em função dos problemas com obras paradas, atrasadas ou canceladas na última década. Outros assuntos debatidos são investimentos em debêntures de infraestrutura em geral, além de crédito de descarbonização. Um dos presentes, que falou em condição de anonimato com a DINHEIRO, afirmou que nada foi definido, mas as ideias foram bem recebidas. "Precisamos apenas avaliar como nos prevenir. Talvez com mais diversificação, talvez com algum título público", disse.

ELEIÇÃO NOS EUA

Sim, ela pode

A famosa frase "Yes, we can" (ou "sim, podemos") que marcou a gestão do ex-presidente dos Estados Unidos Barack Obama ganhou um novo contorno no evento de oficialização da vice-presidente americana, Kamala Harris, como a candidata democrata à Casa Branca pelos delegados do partido. A cerimônia, simbólica, terminou com votação unanime de Kamala, durante o segundo dia da Convenção Nacional Democrata, que ocorreu em Chicago, Illinois. Obama descreveu a vice-presidente como "uma pessoa que passou a vida lutando em nome de pessoas que precisam de uma voz", afirmando que ela está "pronta para o trabalho" na Casa Branca. Nas análises de cientistas políticos, três

VAREJO

Mais calor, menos roupa

Um estudo do BTG Pactual revela que o aquecimento global e os dias mais quentes têm afetado negativamente as vendas da moda no Brasil. Os analistas Luiz Guanais, Gabriel Disselli e Pedro Lima compararam a evolução entre 2010 e 2024 da temperatura com as vendas no segundo trimestre nas maiores varejistas do Brasil, como Renner, C&A, Arezzo e Le Lis, da Dudalina. Os pesquisadores notaram uma correlação negativa entre o termômetro e as vendas. Quando a temperatura sobe 1% em relação à média, as vendas caem 0,45% nessas lojas. Em tempos de aquecimento global, o banco diz que varejistas que se adaptarem mais facilmente – com design e materiais mais leves – poderão vender mais.

ERRATA

Diferentemente do que publicamos na entrevista com Ricardo Basaglia, CEO da Michael Page, na edição 1389, o Brasil não é líder mundial do uso de IA no trabalho. O País é lider na América Latina e está entre os líderes mundiais no quesito.

FOTOS: RICARDO STUCKERT | SENIOR AIRMAN KEVIN TANENBAUM | FREEPIK

fatores justificam o bom andamento da campanha da democrata: 1) identificação com o eleitorado; 2) histórico no poder judiciário e pautas de segurança; e 3) apoio do governador de Minnesota, Tim Walz, que é o mais popular entre os governadores democratas. O apoio aberto dele à Kamala reforça a imagem da candidata com a classe trabalhadora. A expectativa, agora, é que os debates reforcem os discursos econômicos dela e Donald Trump e defina a predição de vitória de um deles.

IBGE

10 cidades movimentam 25% do PIB

Dez municípios correspondem por quase um quarto do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, segundo os dados mais recentes do IBGE, referentes a 2021. Os primeiros lugares podem parecer mais óbvios: São Paulo (9,20% ou R$ 828,9 bilhões), Rio de Janeiro (3,99%, ou R$ 356,6 bilhões), Brasília (3,18%, ou R$286,9 bilhões), seguidos de Belo Horizonte, Manaus e Curitiba, com pouco mais de 1% de participação cada, o equivalente a pouco mais R$ 1 bilhão. Ainda aparecem no top 10 Osasco (R$ 86,1 bilhões), Maricá (R$ 85,1 bilhões); Porto Alegre (R$ 81,5 bilhões) e Guarulhos (R$ 77,3 bilhões). Apesar da dominância econômica de São Paulo, coração financeiro do PIB brasileiro, algumas coisas parecem ter mudado. Na passagem de 2020 para 2021 a capital paulista perdeu espaço nas riquezas nacionais, passando de 9,82% para os atuais 9,2%.

14,6 milhões

de pessoas eram cadastradas como MEI em 2022, segundo o IBGE. Dessas, 60% abriram o próprio negócio por necessidade

0,9%

dos micro e pequenos empresários (MEIs) empregam outra pessoa e, do total, 38% dos MEIs funcionam no mesmo endereço

28,4%

do total de MEIs em 2022 eram inscritos no Cadastro Único (CadÚnico, listagem do governo que identifica famílias de baixa renda). Dos cadastrados, 49,8% recebia auxílio família

FUNDADOR: DOMINGO ALZUGARAY (1932 - 2017)

EDITORA
CATIA ALZUGARAY

PRESIDENTE-EXECUTIVO
CACO ALZUGARAY

DIRETOR EDITORIAL
CARLOS JOSÉ MARQUES

DIRETOR DE NÚCLEO
MARCOS STRECKER

REDATOR-CHEFE
HUGO CILO

EDITORES: Alexandre Inacio, Beto Silva e Paula Cristina
REPORTAGEM: Aline Almeida, Allan Ravagnani, Jaqueline Mendes e Letícia Franco

ARTE
DIRETOR DE ARTE: Jefferson Barbato
DESIGNERS: Christiane Pinho e Iara Spina
ILUSTRAÇÃO: Fabio X
PROJETO GRÁFICO: Ricardo van Steen (colaborou Bruno Pugens)

ISTOÉ DINHEIRO ON-LINE
EDITOR EXECUTIVO: Airton Seligman
WEB DESIGNER: Alinne Nascimento Souza

APOIO ADMINISTRATIVO
Gerente: Maria Amélia Scarcello
Assistente: Cláudio Monteiro

MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA
Diretor: Edgardo A. Zabala

Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566 de 2ª a 6ª feira 10h às 16h20, sábado 9h às 15h.
Outras Capitais: 4002-7334
Outras Localidades: 0800-888-2111 (exceto ligações de celulares)
Assine: www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

PUBLICIDADE - Contato: publicidade1@editora3.com.br

Diretora de Publicidade: Débora Liotti - deboraliotti@editora3.com.br; **Gerente de Publicidade:** Fernando Siqueira - Publicidade1@editora3.com.br; **Secretária da diretoria de publicidade:** Regina Oliveira - reginaoliveira@editora3.com.br; **Diretor de Arte:** Pedro Roberto de Oliveira - **Contato:** publicidade@editora3.com.br

ARACAJU – SE: Pedro Amarante · Gabinete de Mídia · Tel.: (79) 3246-4139 / 99978-8962 – **BELÉM – PA:** Glícia Diocesano · Dandara Representações · Tel.: (91) 3242-3367 / 98125-2751 – **BELO HORIZONTE – MG:** Célia Maria de Oliveira · 1a Página Publicidade Ltda. · Tel./fax: (31) 3291-6751 / 99983-1783 –**FORTALEZA – CE:** Leonardo Holanda – Nordeste MKT Empresarial – Tel.: (85) 98832-2367 / 3038-2038 – **GOIÂNIA –GO:** Paula Centini de Faria – Centini Comunicação – Tel. (62) 3624-5570/ (62) 99221-5575 – **PORTO ALEGRE – RS:** Roberto Gianoni, Lucas Pontes · RR Gianoni Comércio & Representações Ltda · Tel./fax: (51) 3388-7712/ 99309-1626

Dinheiro (ISSN 1414-7645) é uma publicação semanal da Três Editorial Ltda.
Redação e administração: Rua William Speers, nº 1.088, São Paulo-SP, CEP: 05067-900. Tel.: 11 3618 4200 ·
Dinheiro não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados.
Comercialização e Distribuição: Três Comércio de Publicações Ltda. Rua William Speers, 1212 – São Paulo-SP.
Impressão e acabamento: D'ARTHY Editora e Gráfica Ltda. Rua Osasco, 1086 - Guaturinho, CEP 07750-000 Cajamar - SP

POR HUGO **CILO** (COM LETÍCIA **FRANCO**)

ACHÉ AUMENTA A POTÊNCIA

O laboratório farmacêutico Aché vai inaugurar neste mês um novo laboratório de desenvolvimento de medicamentos de alta potência, voltados para tratamentos oncológicos, hormonais, imunossupressores e antirretrovirais. A nova unidade, em Guarulhos (SP), recebeu investimento de mais de R$ 10 milhões. Segundo o diretor de Pesquisa de Desenvolvimento da empresa, **Edson Bernes**, o foco é ampliar a lista de medicamentos e oferecer mais soluções inovadoras a estes pacientes, que já enfrentam tratamentos complexos. "Tendo nosso próprio laboratório para desenvolver estes medicamentos, conseguiremos ter mais celeridade no processo de desenvolvimento e disponibilidade desses produtos ao mercado", disse o executivo. "Teremos produtos disponibilizados em nome do Aché, reforçando a companhia como um player importante no mercado de oncológicos."

BRASIL É (QUASE) UM OÁSIS PARA SE TRABALHAR?

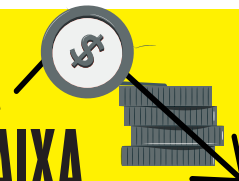
Se você acha que o mercado de trabalho no País é ruim, precisa olhar para os países vizinhos para se sentir melhor. O estudo Betterwork 2024, realizado pela multinacional americana Betterfly, em parceria com a Critéria, mostra que o Brasil é o segundo no ranking dos que mais têm compromisso com o trabalhador na América Latina. A pesquisa, que tem a proposta analisar a satisfação dos colaboradores na América Latina, ouviu mais de 3 mil mulheres e homens, dos 18 aos 65 anos, de empresas com mais de 100 colaboradores do Brasil, Chile, Colômbia, Equador, México e Peru. Atrás do Equador, os números apontam que, investindo em fatores organizacionais, como clima, benefícios, propósito e cultura, além de compensação monetária, o País pode se tornar líder, já que a diferença é de apenas dois pontos (55 do Equador e 53 do Brasil). Isso é maior do que a média Latam de 50. O Nordeste se destacou como a região brasileira com maior engajamento, totalizando 55 pontos. O Sudeste aparece em seguida, com 54. Já o Centro-Oeste e o Sul empatam com 51 pontos. Em relação à faixa etária, baby boomers e geração X são mais engajados, com 4 pontos de diferença. O nível de engajamento também é afetado pelo cargo — pessoas em posição de liderança são 4 pontos mais engajadas do que os subordinados. Na avaliação de **Roberta Ferreira**, diretora global de Brand Experience da Betterfly, há uma relação clara entre benefícios e engajamento. "Para ter ideia, o estudo mostrou que empresas com benefícios têm 55 pontos de engajamento, enquanto as que não têm, apenas 42", afirmou. "Isso impacta diretamente os níveis de orgulho de pertencer a uma organização", disse.

TIMENOW REGISTRA **MELHOR SEMESTRE DA HISTÓRIA**

A Timenow, uma das cinco maiores consultorias de engenharia do Brasil, registrou o melhor primeiro semestre de sua história em valores de contratos fechados. Há 28 anos no mercado, a companhia superou a marca de R$ 1 bilhão em negócios entre janeiro e junho de 2024, um salto de 141,4% ante igual período de 2023. **Antonio Toledo**, CEO da Timenow, diz que os novos contratos serão realizados em até quatro anos e atribui o desempenho histórico à estratégia de crescimento sustentável da companhia, que tem assegurado uma expansão média superior a 30% no faturamento, nos últimos cinco anos. A previsão para 2024 é de receita de R$ 600 milhões.

BELEZA BRASILEIRA EM **PORTUGAL**

Famosa no segmento de beleza, a empresária **Natalia Martins**, dona do Natalia Beauty Group, prevê dobrar o faturamento e chegar a uma receita de R$ 70 milhões neste ano. Parte do crescimento virá de fora. Neste mês, ela inaugura sua clínica em Lisboa, a primeira fora do Brasil. Será a sétima unidade da marca. Outro pilar da expansão, segundo ela, será o lançamento de linhas de produtos próprios para a pele e um plano de iniciar seu modelo de franquias. O formato já está pronto e deve ser tirado do papel até setembro. "O lançamento do modelo de franquias terá mesmo método e qualidade, mas com preços mais acessíveis."

DEMANDA POR CRÉDITO EM BAIXA

LEVANTAMENTO DA CONSULTORIA NEUROTECH MOSTRA QUE A BUSCA POR FINANCIAMENTOS ESTÁ EM QUEDA NO BRASIL

-18% Foi a queda média da demanda por crédito no País no primeiro semestre de 2024 na comparação com o mesmo período do ano passado

Por segmento

-14% foi o resultado no setor de bancos e financeiras

-30% de queda no varejo

+18% foi a alta no setor de serviços

No varejo

+4% foi a alta nos supermercados

-61% nas lojas de departamento

-46% no segmento de vestuário

-39% em eletro e móveis

-10% em outros segmentos

Fonte: Índice Neurotech de Demanda por Crédito (INDC)

TUDO PRONTO PARA O **ROCK IN RIO**

Um dos maiores festivais de música do mundo, o Rock in Rio deste ano promete dar um show em receita, patrocínios e exposição de marcas. A maior agência por trás do evento, a Atenas.ag, prevê faturamento de R$ 170 milhões neste ano, acima dos R$ 140 milhões de 2023. Segundo as sócias **Quércia Andrade** (*à esq.*) e **Denise Garrido**, nos últimos cinco anos a agência multiplicou por cinco seu faturamento. Hoje a empresa tem sede em São Paulo e em Salvador, e uma base no Rio de Janeiro. Nos últimos anos, a Atenas.ag tem atendido marcas como Coca-Cola, Mondelez, Neo Energia, Havaianas, BRF, Vivo, Hyundai. No Rock in Rio 2024 vai representar TIM, Volkswagen, Lagunitas e Trident.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

"O Brasil se tornou um enorme banco de talentos para empresas do mundo todo"

Em meio à popularização das ferramentas de IA, maior plataforma de ensino a distância do mundo amplia oferta de treinamentos e mira expansão acelerada no Brasil com a tradução de milhares de cursos

Allan RAVAGNANI

 FOTO: DIVULGAÇÃO

De seu escritório em Mountain View, Califórnia (EUA), próximo à baía de San Francisco, onde está localizado o Vale do Silício, Jeff Maggioncalda, CEO da Coursera, uma das maiores plataformas de estudos on-line do mundo, conversou com a DINHEIRO sobre Inteligência Artificial, seus impactos na sociedade e os próximos passos da expansão da companhia no Brasil, onde pretende elevar o número de alunos com a tradução para o português brasileiro de milhares de cursos da plataforma. Criada em 2012 por dois professores de Ciência da Computação da Universidade de Stanford, a edtech tem parceria com mais de 400 universidades e outras centenas de empresas para oferecer conteúdo educacional, com o objetivo de treinar o máximo de pessoas possível, com conteúdo de qualidade.

DINHEIRO — Podemos dizer que a Coursera é uma das maiores edtechs do mundo, certo?

JEFF MAGGIONCALDA — Sim, é verdade. Devemos ter mais alunos do que qualquer outra empresa no mundo. São 155 milhões de alunos registados. No Brasil, temos 6 milhões. E vemos que é quase meio a meio entre homens e mulheres, 53% homens, 47% mulheres. A idade média é de 33 anos. O Brasil está em quarto lugar em termos de número de alunos. Primeiro Estados Unidos, seguido de Índia, México, e depois o Brasil.

Recentemente, o Brasil foi avaliado pela Coursera como o país mais qualificado da América Latina para Inteligência Artificial. Quais são as estratégias para continuar expandindo e melhorando o acesso à educação digital por aqui?

Muito do que fazemos está relacionado à missão da empresa, que é criar acesso à educação de alta qualidade, em qualquer lugar. Então, grande parte de nossa estratégia é criar cursos realmente bons com as principais universidades e empresas. Temos a Universidade de São Paulo como uma das nossas principais parceiras. Os cursos geralmente são nas áreas de negócios, tecnologia e ciência de dados. Recentemente, traduzimos 4,7 mil cursos para o português brasileiro usando IA. Agora, eles estão disponíveis para qualquer pessoa no Brasil que tenha uma conexão com a internet. Um dos motivos pelos quais estamos focados aqui é que Brasil, com 200 milhões de pessoas, se tornou um enorme banco de talentos para empresas do mundo todo. Vemos que os empregos em TI, principalmente, são muito populares no Brasil.

No Brasil, temos algumas barreiras importantes, como o idioma, a falta de banda larga em grande escala e a moeda depreciada. Como superar esses desafios?

Em relação à língua, isso é relativamente fácil. Usamos tradução automática com IA. Como eu disse, 4,7 mil cursos já estão disponíveis em português brasileiro, o que deve resolver em grande parte a barreira linguística. Em termos de acesso, quase todos os cursos podem ser acessados por celulares. Você pode baixar o curso de um hotspot wi-fi e fazê-lo mesmo quando não tiver conexão com a internet ou energia. A capacidade de aprender em um celular, mesmo off-line, é uma maneira importante de ajudar com a questão da acessibilidade à banda larga. Em relação às finanças e à taxa de câmbio, estamos começando a introduzir outros métodos de pagamento. Temos geopricing, que em vários países os cursos podem ser mais baratos com base na renda per capita. Vamos implementar isso também em outras moedas. Estamos trabalhando nessa parte. Mas, mesmo hoje, você pode obter ajuda financeira na plataforma. Se você não tiver dinheiro, pode solicitar bolsa.

> Uma pessoa com conhecimento em IA com certeza deverá substituir uma pessoa que ainda não tiver, será um pré requisito do mercado de trabalho”

Você vê algum potencial para o Brasil superar o México em número de alunos?

Sim. Estamos trabalhando com seis universidades, FIA Business School, Fundação Lemann, Insper, USP... Além de 110 clientes corporativos, como Petrobras, Porto Seguro, entre outros. O Brasil é tão grande e com uma população tão jovem que, se conseguirmos superar as barreiras que você mencionou, pode se tornar o maior da América Latina na plataforma. O México tem 7 milhões de alunos, enquanto o Brasil tem 6 milhões. Não estão muito distantes.

Quantos na Índia?

Mais de 26 milhões. Será muito difícil ultrapassar a Índia.

Você pode nos explicar como IA generativa pode mudar a experiência de aprendizado?

Estamos fazendo muitas coisas. Uma delas é a tradução de idiomas. Podemos fazer com que os cursos estejam disponíveis em várias línguas. Outra é o Coach. [assistente virtual] Um exemplo é esse curso, que foi um professor da Vanderbilt que criou. É voltado para líderes universitários sobre IA generativa. Se você for a um dos vídeos, tem um botão escrito Coach, onde o aluno pode clicar e haverá um tutor para ajudá-lo. Pode pedir um resumo, e o Coach vai dar um resumo do vídeo. Pode perguntar coisas, conversar com o tutor...

E sobre as provas e avaliações. Como são feitas?

Muito interessante. Se for para o módulo de avaliações e estiver pronto para fazer um teste, haverá um para ser feito. Pode pedir ajuda para praticar. O Coach vai ler e ajudar, vai fazer perguntas, dar feedback. É como um parceiro de estudo. E antes de fazer o teste, ele pode ajudar a entender os conceitos e fazer perguntas sobre eles. Muitas pessoas gostam de praticar antes da prova. Outra coisa que a IA generativa pode fazer é corrigir as avaliações.

Ele é como um assistente que pode ensinar coisas, explicar, corrigir trabalhos e ajudar a praticar.

Você pode explicar um pouco sobre como evitar fraudes nos exames?

Há muitas coisas que fazemos para isso, que chamamos de integridade acadêmica. Existem várias maneiras de as pessoas tentarem trapacear. Uma delas é tentar pular o vídeo sem realmente assistir ao material. Então, podemos bloquear as avaliações até que a pessoa tenha assistido aos vídeos. Muitos alunos tentam plagiar, e existe uma detecção de plágio, onde verificamos o trabalho de todos em um banco de dados disponíveis. Às vezes, as pessoas tentam usar outros sites para trapacear. Temos a capacidade de fazer uma fiscalização, onde ligamos a webcam para garantir que a pessoa está focada na tela do computador. Também podemos bloquear o navegador para que não possam acessar o Google ou outros sites. Às vezes, as pessoas contratam outra pessoa para trapacear. Temos verificação de identidade para garantir que a pessoa que está fazendo o teste é realmente a que deveria fazer. Os instrutores geram perguntas personalizadas que ninguém jamais viu antes.

E isso basta?

Temos mais soluções. Como um processo de entrevista, em que, após o aluno enviar suas respostas, o Coach aparece e entrevista o estudante sobre a questão. Nesse caso, alguém acabou de enviar uma tarefa escrita e o Coach começa a perguntar sobree ela. Diz: "Ok, você acabou de enviar essa tarefa, vou perguntar sobre seu processo de pensamento: como você decidiu escrever sobre esse tópico? Como você obteve os dados para fazer o ponto que você fez?" É como uma chamada oral que testa o pensamento do aluno. Agora, muitas empresas estão tentando usar IA para identificar se a IA criou o conteúdo. O que estamos fazendo é usar a IA para entrevistar o aluno e perguntar sobre seu processo de pensamento. Se você trapaceou e não fez seu próprio trabalho, será muito difícil passar por esse quiz oral sobre ele. Essa é outra técnica que acabamos de desenvolver.

E como você vê a adoção da IA moldando o futuro do trabalho? Quais desafios as empresas enfrentarão nessa transição? A IA pode tirar os empregos de professores?

Acho que a IA vai impactar todos os trabalhos, todas as empresas, todos os países, todas as indústrias. As empresas realmente terão de adotar a IA generativa. Elas precisarão fazer isso porque os clientes poderão obter um serviço muito melhor e mais personalizado. E os funcionários podem ser muito mais produtivos se usarem também. As empresas precisam ensinar seus funcionários. A boa notícia é que lançamos a Academia de IA Generativa, já traduzida para o espanhol e português. São cerca de 400 cursos sobre IA. Os empregadores podem contratar a Coursera e usar esses cursos que são do Google, Stanford, IBM e outras empresas. Eles podem treinar seus funcionários sobre como usar a IA.

> "Empresas precisam entender que, com IA, os clientes podem ter serviços mais personalizados e que seus funcionários podem ser ainda mais produtivos"

Isso me parece sedimentar a ideia de que a IA vai tirar empregos, não?

Sim, a IA substituirá certos empregos. Mas substituirá em ritmo e taxas distintas. Uma maneira de pensar sobre isso é que qualquer trabalho que envolva linguagem, som, imagens e vídeos provavelmente será impactado primeiro. Muitas pessoas do suporte ao cliente também. Mas, em geral, a IA não substituirá todo o trabalho. Ela automatizará certas tarefas se as pessoas aprenderem a usá-la. Algumas pessoas dizem que a IA não substituirá o emprego de alguém, mas outra pessoa usando IA pode substituir uma pessoa que não está usando. Até certo ponto, é uma ampliação das capacidades humanas. E as pessoas precisam aprender essas habilidades, porque isso será algo necessário: saber como usar a IA para fazer seu trabalho. Uma pesquisa da Microsoft apontou que mais de 70% dos líderes disseram que preferem contratar alguém com menos experiência, mas que saiba usar IA, do que alguém com mais experiência e que não saiba usar IA.

Nas finanças, a receita da Coursera cresceu dois dígitos em 2024 e já havia crescido 22% em 2023. Qual é o principal fator que impulsiona esse crescimento?

Mudança. Se o mundo não estivesse mudando, as pessoas não precisariam aprender coisas novas. Gosto de dizer que a taxa de mudança determina a taxa de aprendizado necessária. Se as coisas estão mudando mais rápido, as pessoas precisam aprender novas coisas mais rápido. E à medida que a tecnologia muda a forma como os trabalhos são feitos, mais e mais pessoas precisam aprender essas coisas. Uma das coisas que tem impulsionado nosso crescimento é como a tecnologia está mudando a forma como as empresas funcionam e como clientes compram as coisas. Outro fator é a tradução de cursos para mais idiomas.

E a inflação é um problema?

Sim, a inflação tem impacto negativo sobre nós nos EUA, e em outras partes do mundo também. As pessoas nos EUA estão segurando um pouco seus gastos porque os preços estão mais altos. Isso torna mais difícil para quem vende algo. Dito isso, não aumentamos nossos preços. Então, comparado a Netflix ou gasolina, a Coursera está mais barata agora do que estava há alguns anos.

Projeto da Allianz entra na segunda geração

O projeto social mantido por colaboradores da seguradora alemã Allianz no Brasil começa a entrar em sua segunda geração de apoio. Fundada por um grupo de funcionários há 30 anos, a Associação Beneficente dos Funcionários do Grupo Allianz Seguros (ABA) está começando a atender a segunda geração de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, com foco em atividades multidisciplinares complementares ao ensino formal, o que inclui aulas de artes visuais, artes digitais, audiovisual, ballet, cultura digital, esportes e linguagem de programação. Desde sua fundação, mais de 10 mil crianças já passaram pelo projeto. Agora, recebe sua segunda geração de frequentadores, incluindo os filhos das crianças atendidas no início da instituição. "Seguimos apresentando ao público meios de vida sustentáveis, incorporando a inteligência artificial nas práticas educativas e continuamos acreditando que a esperança deve ser o caminho de quem não desiste, afinal, algo bom nos espera ali na frente", disse **Rose Oliveira**, diretora da ABA. Instalado na zona Leste de São Paulo, o projeto passou há alguns anos por uma reforma em que dobrou de tamanho. Atualmente, a ABA atende por ano cerca de 1.100 pessoas, o que representou um crescimento de 114% em 2023, sendo que 80% dos adolescentes atendidos estão no mercado de trabalho.

ALIMENTO

NOVA ROTULAGEM PODE **REDUZIR DESPERDÍCIO**

Pesquisadores da Harvard Law School apresentaram o Atlas Global de Políticas de Doação de Alimentos, estudo realizado em 24 países e viabilizado em parceria com o Sesc. Entre as propostas para se conter o desperdício, o atlas recomenda a implantação de nova rotulagem que possibilite a doação de alimentos após a data de vencimento, o aumento de subsídios fiscais para doação e penas para empresas que destinam alimentos aos aterros sanitários."Cerca de 60 milhões de pessoas em nosso país vivem algum grau de insegurança alimentar", disse **José Carlos Cirilo**, diretor do Sesc.

PARCERIA

HUAWEI QUER A ENERGIA SOLAR DO BRASIL

A chinesa Huawei quer participar do crescimento do mercado de usinas solares no Brasil. A empresa acaba de fechar uma parceria com a Dynamis, especialista em importação e distribuição de componentes para geradores de energia solar. As companhias assinaram um memorando de entendimento para que a Dynamis passe a ter os componentes da da Huawei Digital Power em seu portfólio. A ideia é que a parceria dê mais capilaridade e amplie a atuação da chinesa em todo o território nacional. "O nosso compromisso é trazer energia com segurança para todo o Brasil", disse **Rômulo Horta**, diretor de desenvolvimento de negócios da Huawei Digital Power.

 FOTOS: DIVULGAÇÃO

INCLUSÃO

DIVERSIDADE PARA FORMANDOS

A Vult, empresa do Grupo Boticário, anunciou sua entrada na categoria de cabelos. Assim, a companhia reforça seu compromisso de democratizar a beleza por meio de um portfólio completo e diversificado, que atende às diferentes necessidades das mulheres brasileiras. Para marcar a entrada na categoria, a Vult desenvolveu quatro versões de capelos – tradicional chapéu de formatura – mais adequados à diversidade dos cabelos crespos, cada um projetado para atender a diferentes tipos de cabelo e penteados. Os designs dos novos capelos estão disponibilizados gratuitamente para todas as universidades que quiserem reproduzir os modelos por meio da landing page do projeto. A campanha foi premiada no festival de Cannes 2024 com Prata e Bronze na categoria de PR e Brand Experience & Activation Lions.

PIB

BIOECONOMIA EM ALTA

Dados do Observatório de Conhecimento e Inovação em Bioeconomia da Fundação Getulio Vargas (FGV) mostram que o PIB da Bioeconomia registrou o valor total de R$ 2,7 trilhões em 2023, atingindo 25,3% do PIB brasileiro. A bioindústria ainda é a atividade com maior representação econômica, cerca de 46% ou R$ 1,8 trilhão. Já a bioeconomia primária representa 41% e chegou a R$ 1,1 trilhão. As duas atividades, bioindústria e bioeconomia primária, representam 87% do PIB-Bio, enquanto bioenergia e indústria com viés biológico representam, respectivamente, 5% (R$ 131 bilhões) e 8% (R$ 213 bilhões) do agregado "macrobioeconômico". Em termos reais, o PIB-Bio cresceu cerca de 1,03% em relação a 2022. Esse resultado representa uma recuperação parcial da queda em 2022 (–2,3%).

CLIMA

INCÊNDIOS ESTÃO MAIS INTENSOS **NO PANTANAL**

Os incêndios registrados no Pantanal durante o inverno deste ano estão 40% mais intensos e têm de quatro a cinco vezes mais chances de ocorrer. Tudo isso por causa das mudanças climáticas. O aumento no risco de incêndio é impulsionado pelo aumento das temperaturas e pela diminuição das chuvas e da umidade relativa do ar na região. Os dados do estudo da rede internacional de cientistas de clima WWA (World Weather Attribution). "Os incêndios deste ano têm o potencial de se tornarem os piores de todos", alerta Filippe Lemos Maia Santos, um dos brasileiros que participaram do estudo. Maior pântano tropical do mundo, o Pantanal vive neste ano uma temporada de incêndios atípica. Mais de 1,2 milhão de hectares já foram queimados – cerca de 8% do bioma, quase metade do tamanho da Bélgica.

RICARDO VOLTOLINI
É CEO DA IDEIA SUSTENTÁVEL, FUNDADOR DA PLATAFORMA LIDERANÇA COM VALORES, MENTOR E CONSELHEIRO DE SUSTENTABILIDADE

DESENVOLVER COMUNIDADES É TAMBÉM UMA AÇÃO ESG

Estudos mostram que as empresas brasileiras investem em média R$ 4 bilhões por ano em iniciativas sociais dirigidas às comunidades. Durante a pandemia, este volume chegou a R$ 5 bilhões. E há potencial, ninguém duvida, para expansão.

O investimento social privado (ISP) é um tema importante de "S" do ESG. Tanto mais porque vivemos num país com desigualdades históricas em que empresas costumam ser ilhas de prosperidade. Há quem acredite—eu, inclusive—que o avanço do ESG pode acelerá-lo nos próximos anos. Afinal, sua lógica cria um ambiente favorável. Mais do que em tempos passados, investidores parecem mais dispostos a premiar empresas com menor risco social, orientados por uma visão mais propositiva de que empresa próspera é aquela cujo lucro se obtém melhorando a vida das pessoas e o meio ambiente.

Antes, convém botar alguns pingos nos "is". Doar recursos para comunidades, ainda que de forma planejada e eficiente, não torna por consequência imediata uma empresa mais sustentável. A lição de casa abrange outros pontos. Primeiro, ela precisa reduziras externalidades negativas ligadas diretamente ao negócio. Os donos do capital, no entanto, têm dado mostras de que, de agora em diante, tendem a preferir corporações que zelam pelo bem-estar dos colaboradores, promovem a diversidade e a inclusão, respeitam os direitos humanos e desenvolvem as comunidades onde atuam.

O investimento social privado atende a esse último requisito, com benefícios adicionais em relação à sua antecessora, a velha filantropia corporativa: menos pontual e mais sistêmico, mais estratégico do que tático, mais associado com o core business, e orientado pela intenção de engajar pessoas e fortalecer valores, o ISP não mais se baseia na ideia de redução de danos, mas na de geração de impactos positivos por meio de iniciativas que contribuam para melhoria do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de territórios e regiões. Sendo essencialmente uma contribuição voluntária complementar, não é o foco prioritário de uma estratégia de ESG, mas acrescenta valor a ela, se vinculado com um propósito mais amplo, um compromisso de longo prazo, a conexão com políticas públicas e a intenção de compartilhar prosperidade. A ascensão do ESG coincide também com uma tendência global de aumento do ativismo corporativo: as novas gerações cobram que as empresas assumam causas de interesse público e participem mais da solução de problemas da sociedade. É um movimento sem volta. A força do ISP se encontra no fato de ser uma ferramenta para acelerar causas num cenário "favorável" no qual os indivíduos parecem cada vez mais propensos a estabelecer relações com empresas "de caráter", que sentem e agem como seres humanos íntegros. Selecionar uma causa está longe de ser um processo trivial. Do tipo que se resolve com uma canetada do departamento de marketing. O seu maior ou menor acerto decorrerá de uma combinação justa de três aspectos igualmente importantes: vocação, afinidades e resultados.

Ignorar a vocação significa quase sempre botar em risco a autenticidade. Toda empresa interessada em escolher temas para investimento social privado deve começar pelos que se relacionam não só com o negócio (riscos materiais), mas com a sua "história" e seus "valores". Um tema adequado é aquele que "humaniza" a companhia na percepção dos stakeholders – algo que só pode ser realizado plenamente mediante diálogo franco e análise rigorosa de sua trajetória, visão de futuro e propósito. É aquele que faz sentido não apenas para o C-Level, mas para todos os seus públicos e a sociedade.

Deve gerar transformação social efetiva, engajar colaboradores, comunidades e clientes, desenvolver senso de pertencimento. Deve ser visto como objeto de compromisso profundamente genuíno. Do contrário, resultará em descrédito. Para a causa, para a estratégia de ESG e, no final das contas, para a empresa. S

Clube de Revistas
TRES
AS MELHORES
DA DINHEIRO
Seja a próxima referência de mercado
Posicione sua empresa como referência no segmento destacando suas práticas, o compromisso com a sociedade e a busca contínua pela excelência. Participe do Prêmio As Melhores da Dinheiro.
Pioneiro na inclusão de questões ambientais, sociais e de governança, com uma metodologia consagrada, o Melhores da Dinheiro é o mais abrangente, criterioso e tradicional prêmio concedido pela imprensa às empresas que se destacaram em seus setores.
O resultado da 21ª edição será divulgado em um número especial da ISTOÉ Dinheiro, a principal revista semanal de Economia, Negócios e Finanças do país.
Inscreva-se até 15 de setembro de 2024
em: asmelhoresdadinheiro.com.br
ISTOÉ Dinheiro

ATRITO ENTRE OS PODERES: ABALO NA ECONOMIA

QUEDA DE BRAÇO ENTRE LEGISLATIVO E JUDICIÁRIO TERMINA EM FARPAS, MAS COM RESOLUÇÕES. OS DOIS LADOS CEDEM, MAS QUEM PAGA A CONTA É O EXECUTIVO

Paula CRISTINA

“A reunião entre os Poderes resolveu o impasse sobre as emendas. Uma vitória do sistema republicano”

LUIS ROBERTO BARROSO, PRESIDENTE DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

Na física quântica a teoria do caos define que um ínfimo movimento, como o bater de asas de uma borboleta, pode ter a capacidade de moldar eventos futuros de modo imprevisível, criando um ambiente impossível de ser previsto. Na política não seria diferente. Em abril de 2022, muito antes da chegada de Lula à Presidência, o Supremo Tribunal Federal (STF) iniciou uma discussão sobre a legalidade de repasses do governo federal para parlamentares feitos sem lastro ou indicação de destino. No mês seguinte, deputados e senadores colocaram para apreciação das Casas cinco projetos para limitar os poderes da Suprema Corte. À época, nenhum movimento andou, ainda que a polarização política pressionasse os dois lados. Até agora.

Em 2024 o assunto voltou a render, mas em condições diferentes. Se durante a gestão de Jair Bolsonaro o conflito com o Judiciário era explícito, agora, sob o governo Lula, a tensão foi velada, até que a rusga ganhasse contornos de guerra fria. O impasse era o seguinte: o STF poderia tornar inconstitucional a forma como o Orçamento público é distribuído através de emendas. O Congresso afirmava que, sob a ótica da Constituição, não cabia ao Judiciário legislar. O Supremo, então, dobrou a aposta, e disse que, além de rever as emendas obscuras, os congressistas deveriam encontrar formas de compensar o aumento de gastos impetrado pela desoneração na folha de pagamento. O Executivo, pendendo para o Judiciário, tentou mediar, e o resultado da queda de braço foi uma despesa de R$ 26 bilhões para o governo federal.

Para definir como lidar com as diferenças, o presidente do Supremo, Luis Roberto Barroso, convocou um almoço em sua residência com lideranças do Congresso e representantes do governo. Os presidentes da Câmara, Arthur Lira, e do Senado, Rodrigo Pacheco (que havia encabeçado a pressão contra o STF), não pegaram leve, mas o encontro surtiu algum

"Houve um entendimento da importância das emendas, ainda que elas precisem de ajustes"

RODRIGO PACHECO, PRESIDENTE DO SENADO FEDERAL

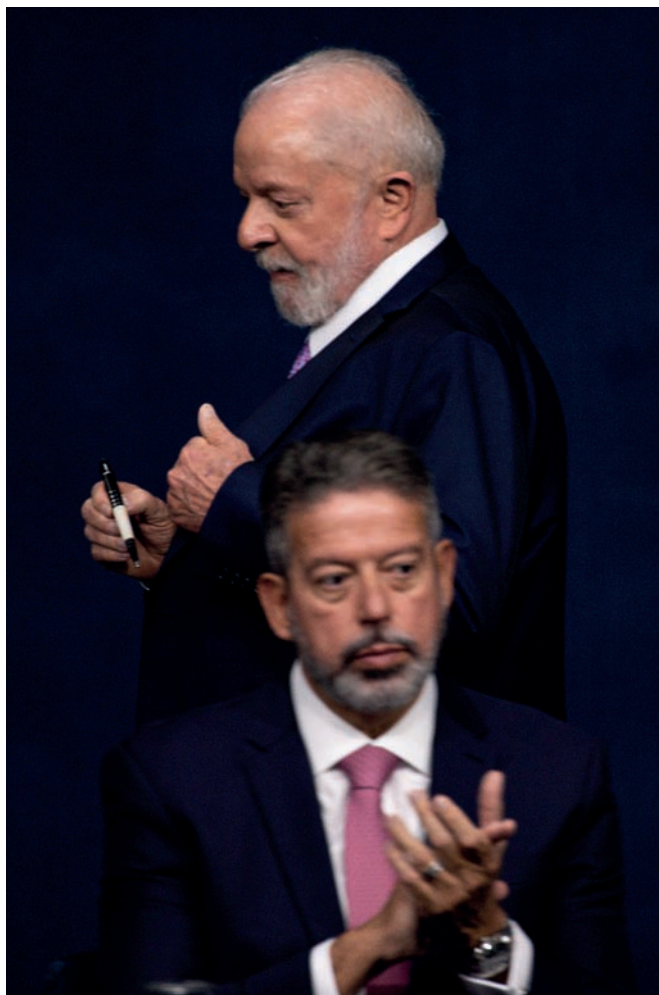
efeito de panos quentes. Dois assessores presentes no encontro, um pelo lado do governo e outro pelo lado do Congresso, disseram à reportagem que houve troca de farpas e, até metade do encontro, pouco havia avançado a discussão. Entre os incômodos do Congresso, o principal era a impressão que os parlamentares tinham de que o Executivo e o Judiciário estavam firmando uma dobradinha para vencer o Legislativo. "Não é um jogo de futebol, não tem essa", teria dito um representante do Congresso.

No decorrer do encontro, alguns momentos foram ainda mais tensos, em especial quando houve a sugestão por parte de um dos presentes de terminar com a obrigatoriedade das emendas. Neste momento, Pacheco teria levantado a voz, e dito que a forma como o Orçamento é desenhado é constitucional e a fatia do Legislativo é parte do jogo republicano. Depois disso, Barroso teria pedido calma e explicações mais claras sobre como funciona o rito da emenda, e seus efeitos práticos na melhora das cidades e estados.

IMPACTOS Depois de mais algumas horas de discussão, o encontro terminou. No discurso do Executivo e do Judiciário, o encontro foi frutífero. Entre os deputados e senadores, no entanto, a notícia que correu é que não havia um acordo sobre as emendas e as desonerações. Se sentindo pressionados, os deputados da oposição não demoraram a agir. No Senado, avançou o texto que mantinha a desoneração da folha de pagamento para 17 setores, no que ficou caracterizado como uma derrota para o governo.

Pela decisão do Parlamento, haverá uma prorrogação do benefício fiscal da folha de pagamento sem a elevação da alíquota do JCP (Juros sobre Capital Próprio) de 15% para 20%, como queria o ministro da Fazenda, Fernando Haddad. O texto também garante o benefício para pagamentos feitos por e para municípios. Ainda assim, o projeto estima uma reoneração gradual da folha dos setores e das prefeituras a partir de 2025 – mas com um gatilho para revisão do fim, caso seja necessário. Se tudo correr como os parlamentares esperam (e desconsiderando a teoria do caos), o fim da desoneração ficaria para 2028. Dessa forma, o líder do governo no Senado, Jaques Wagner, estima que o impacto, só em 2024, seja de R$ 26 bilhões, volume de recursos que o governo ainda não tem como cobrir para manter o Arcabouço Fiscal.

Apesar da ressalva, Jaques Wagner afirmou que o texto representa o "consenso capaz de encerrar as divergências entre os Poderes Executivo e Legislativo acerca da desonera-

DOIS PODERES Presidente Lula afirma que tensão entre os Poderes faz parte do jogo republicano e reforçou publicamente sua boa relação com o presidente da Câmara, Arthur Lira

Senado mantém desoneração da folha em 2024 e benefício só terminará de vez em 2028. Decisão foi considerada derrota do governo

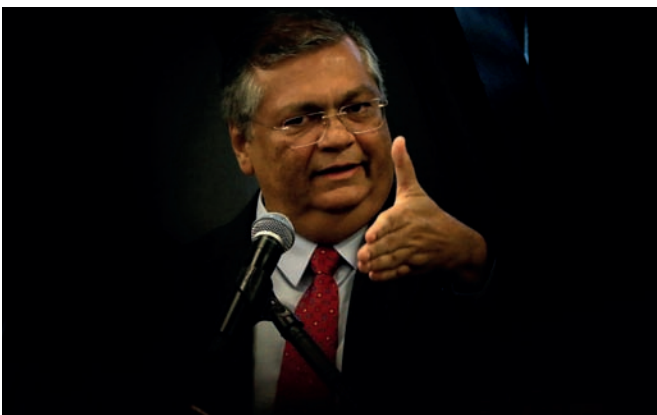
 | FOTOS: MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL I ANTÔNIO CRUZ/AGÊNCIA BRASIL/ AGÊNCIA GOV I PEDRO GONTIJO

ção da folha de pagamento". O texto agora segue para a apreciação na Câmara.

Concomitantemente, o Senado avançou com a derrubada de parte do decreto de Lula sobre a limitação do acesso a armas, além de reduzir o tempo de punição de inelegibilidade. Outras pautas de costumes, e até mesmo a Reforma Administrativa, também devem ser trazidas para discussão o quanto antes, o que pode ser encarado como uma "cutucada" no Executivo. Enquanto tais assuntos ganham corpo, o fim da regulamentação da Reforma Tributária segue sem data definida, com Pacheco, inclusive, dando sinais de que seria inviável levantar tal discussão antes das eleições municipais, o que desagrada o governo, que esperava começar a transição tributária já em 2025.

EMENDAS Com relação às emendas, a solução passa por respeitar critérios de transparência, rastreabilidade e correção. Executivo e Legislativo têm um prazo de dez dias para definir os novos parâmetros para a execução dos repasses. Sobre o assunto, o ministro Flávio Dino, um dos que mais criticou e foi o responsável pelo assunto ter voltado ao plenário do STF, afirmou ter segurança de que os outros Poderes encontrarão uma solução no prazo. "O acordo, no entanto, não finaliza os processos, tanto que as liminares estão valendo. O acordo sinaliza o caminho para o qual nós vamos chegar ao fim dos processos."

Reunião na residência de Barroso foi marcada por farpas e indiretas do Legislativo, mas terminou em relativa paz entre os Poderes

CALMA E ATENÇÃO
Ministro do STF, Flávio Dino diz que ainda há pontos para discussão sobre as emendas

As chamadas "emendas Pix", que permitiam a transferência direta de recursos públicos sem destinação específica para algum projeto ou programa, continuam, desde que observadas "a necessidade de identificação antecipada do objeto, a concessão de prioridade para obras inacabadas e a prestação de contas perante o TCU". Elas são impositivas, ou seja, de pagamento obrigatório pelo governo. No caso de emendas individuais comuns, os Poderes também decidiram pela manutenção e pela impositividade, mas com novas regras de transparência e rastreabilidade.

Já as emendas de bancada, também impositivas, devem ser "destinadas a projetos estruturantes em cada estado e no Distrito Federal, de acordo com a definição da bancada, vedada a individualização". Por fim, as emendas de comissão devem ser "destinadas a projetos de interesse nacional ou regional, definidos de comum acordo entre Legislativo e Executivo, conforme procedimentos a serem estabelecidos em até dez dias". Outro ponto do acordo é que as emendas não podem crescer de um ano para o outro em proporção superior à elevação nas despesas discricionárias do Executivo. Em 2024, o governo deverá liberar R$ 49 bilhões para estes fins, um valor alto, muitas vezes sem destino claro, e que exemplifica muito bem a boa, e confusa, teoria do caos.

MESMA INFLAÇÃO, INTERPRETAÇÕES DIFERENTES

FERNANDO HADDAD MINIMIZA ALTA DOS PREÇOS E TRABALHA EM SOLUÇÕES PARA ACALMAR O MERCADO. ENQUANTO ISSO, CAMPOS NETO E SEU PROVÁVEL SUCESSOR, GABRIEL GALÍPOLO, GARANTEM QUE O BC NÃO HESITARÁ EM ELEVAR A SELIC EM 2024 SE ISSO FOR NECESSÁRIO

Paula CRISTINA

DIVERGÊNCIA Presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto (esq.) e Fernando Haddad, ministro da Fazenda em audiência pública no Congresso

 FOTO: LULA MARQUES/ AGÊNCIA BRASIL

O número é o mesmo: a inflação avançou 0,38% em julho e bateu a meta de 4,5% nos últimos 12 meses, cinco meses antes do previsto pelo governo e pelo Banco Central. Esse é o fato. A forma como cada um dos protagonistas da política econômica e monetária do Brasil o encaram, bem, isso é variável. Fernando Haddad, ministro da Fazenda, emplaca a narrativa dos panos quentes. Usa argumentos matemáticos para explicar como os preços vão se acomodar para baixo nos próximos meses, cita a melhora do ambiente externo e pede cautela com as especulações no mercado financeiro. Roberto Campos Neto, atual presidente do Banco Central e já em ritmo de saída, adota outro olhar sob o mesmo número. Não nega a possibilidade de subir os juros para segurar os preços, diz que a avaliação do BC é qualitativa, e não quantitativa, e não é contaminada por pressão — nem popular nem do mercado. Com as duas versões contadas, vale aquela dada por quem bate o martelo e, nesse caso, é o presidente do BC. "Não hesitaremos em elevar a taxa de juros, se assim for apropriado. Nossa missão, enquanto Banco Central, é prezar pelo controle de preços, não há política ou pressão ideológica nisso", disse Campos Neto em audiência na Câmara.

Ainda que a opinião de Haddad vá de encontro à do presidente do BC, a estratégia do governo, neste momento, não será mais o ataque público. Entre junho e julho Lula subiu o tom das críticas à condução da política monetária, e o resultado foi forte instabilidade no mercado financeiro, em especial da bolsa de valores e do dólar. Agora, a postura é outra. Com a aproximação do fim do mandato de Campos Neto, o governo gostaria de evitar um aumento na taxa Selic na próxima reunião do Copom, marcada para os dias 17 e 18 de setembro. Para isso, a equipe econômica deve encontrar soluções para ajudar a manter a inflação dentro da meta. Algumas alternativas estudadas, mas ainda não definidas, envolvem o uso da Conab na compra de alimentos, revisão da tarifa de energia e avaliação de cenários para amortecer eventuais oscilações positivas no preço do petróleo.

A informação sobre a meta foi reforçada no Boletim Focus, elaborado pelo Banco Central semanalmente com as expectativas de agentes do mercado. Na edição de segunda-feira (19) houve o primeiro sinal de que se espera a inflação superando a projeção inicial. Isso exigiria que o presidente do BC fizesse uma carta explicando os motivos do estouro da meta. Em seus anos à frente da autoridade monetária, Campos Neto já fez isso pelo menos duas vezes. Para a estrategista de inflação da Warren Investimentos, Andréa Angelo, há chance entre 60% e 70% de o IPCA superar o teto da meta. O cenário-base dela já contempla um alívio de 0,1 ponto porcentual no IPCA devido à antecipação de recursos da Eletrobras para quitar as contas Covid e de Escassez Hídrica. "Não sabemos como o Ministério de Minas e Energia e a Aneel vão contabilizar essa medida e, se não der certo, isso terá um impacto de 0,1 ponto para cima na nossa projeção", ela explica.

4,5%
É O TETO DA META DE INFLAÇÃO MEDIDA PELO IPCA PARA 2024, CIFRA BATIDA CINCO MESES ANTES DO PREVISTO INICIALMENTE

70%
É A CHANCE DE O BRASIL NÃO CONSEGUIR MANTER A INFLAÇÃO DENTRO DA META DE 3% EM 2024, SEGUNDO ESTIMATIVA DA WARREN INVESTIMENTOS

0,38%
FOI O AVANÇO DO IPCA EM JULHO, PUXADO PELA ALTA NO PREÇO DOS ALIMENTOS E REAJUSTES DA INDÚSTRIA E SERVIÇOS

Na LCA Consultores, a projeção também foi revista para cima. Segundo Fábio Romão, a empresa já subiu a régua da inflação para este ano de 4,20% para 4,40%, devido à desvalorização do real e à resiliência do mercado de trabalho. Incorporando esses dois fatores, ele espera que os bens industrializados terminem o ano com alta de 3,3% (revisada de 2,5% antes) e os serviços, subindo 4,6%. "Há pressão de fatores que justificam esse aumento. Entre eles o aumento do imposto de cigarro, o mercado de trabalho apertado e o comportamento do câmbio", diz Romão, que ressaltou a importância de colocar a energia nesta variável. "Se a bandeira [tarifária] for amarela, há um impacto de 0,08 ponto percentual na projeção."

NOVO COMANDO Diante da briga de narrativas, o mercado fica atento aos passos de Gabriel Galípolo, principal cotado para assumir a presidência do BC a partir de janeiro de 2025. Atualmente ele é diretor de Política Monetária da instituição e, apesar de ser a potencial escolha de Lula, tem dado recados diretos – e que podem incomodar a cúpula do governo. "Todos diretores [do BC] estão dispostos a fazer o que for necessário para cumprir a meta [de inflação]." De acordo com ele, em qualquer cenário, fica mantido o plano da autoridade monetária em perseguir uma inflação de 3%. Haddad, por sua vez, segue com o discurso de que a régua da meta não é mais adequada, e que um teto de inflação na casa dos 4,5% em um ano não caracteriza descontrole de preços. Uma disputa de narrativa que, até aqui, deu vitória para Campos Neto, mas pode ganhar outro rumo assim que Lula decidir quem comandará o BC ano que vem.

BRASIL NO TOPO DO M&A

OPERAÇÕES DE FUSÕES E AQUISIÇÕES TÊM SE TORNANDO UMA DAS PRINCIPAIS ESTRATÉGIAS DE EMPRESAS BRASILEIRAS, ATRAINDO FUNDOS DE PRIVATE EQUITY PRINCIPALMENTE PARA AS ÁREAS DE INFRAESTRUTURA, RECURSOS NATURAIS E ENERGIAS RENOVÁVEIS

Jaqueline MENDES

As recentes turbulências na economia mundial não parecem desencorajar as empresas a seguir com seus planos de fusões e aquisições (conhecidos pela sigla por M&A, em inglês). Essas operações vêm se tornando uma das principais estratégias de empresas brasileiras para fortalecer a saúde financeira e garantir a expansão. De acordo com a pesquisa "O futuro estratégico das fusões e aquisições no Brasil: M&A como impulso à transformação", da consultoria global Deloitte, 33% das organizações participantes fizeram transações de fusões e aquisições nos últimos cinco anos e 46% pretendem realizar alguma operação nos próximos anos.

Só no primeiro trimestre do ano, o Brasil foi responsável por mais da metade das 603 operações de M&A executadas na América Latina. Atualmente, de acordo com o levantamento, há muito interesse de fundos de private equity nas áreas de infraestrutura – com destaque para os segmentos de rodovias e saneamento -, recursos naturais e energias renováveis. Tendo este último muito apelo junto a investidores internacionais. Outros segmentos que geram inúmeros negócios de M&A são saúde e tecnologia.

Na avaliação de Franklin Tomich, sócio da FT Aquisições, especialista no tema, as perspectivas para o cenário local de M&A são muito promissoras. "Levando em consideração o comportamento econômico internacional, o número de operações deve continuar crescendo gradativamente", afirmou. "Um ponto importante que deve ser levado em consideração é a redução dos juros nos Estados Unido. Esse tipo de movimentação impacta positivamente o setor de fusões e aquisições mundialmente", disse.

O Brasil se tornou também o segundo país no mundo que mais recebe investimentos estrangeiros diretos, segundo dados da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Em 2023, entraram US$ 64 bilhões no país, nesse montante, estão incluídos processos de M&A. De acordo com Tomich, muitas operações de fusões e aquisições estão

Taxas de juros menores podem tornar as outras opções de investimento menos atrativas

intrinsecamente ligadas ao prisma do ESG. “As políticas e os negócios centrados na tríade ambiental, social e governança têm grande foco para os investidores, porque há um grande potencial de retorno neles, e sendo nosso país um mercado em potencial, a tendência é que os movimentos de empresas por fusões e aquisições no Brasil se fortaleçam.”

Parte do sucesso do Brasil no universo dos M&A está na oferta diversificada de empresas e grande economia, segundo Carolina Gilberti, CEO da Mubius WomenTech Ventures, a primeira WomenTech do Brasil. “Setores como os de tecnologia, serviços e commodities oferecem inúmeras oportunidades. Os M&As são transações importantes para negócios que querem expandir e crescer internacionalmente e o Brasil tem a presença de um mercado interno em expansão e isso atrai investidores com interesse em capitalizar”, garantiu a especialista.

Na avaliação dela, mesmo que existam incertezas econômicas globais e ajustes no mercado financeiro, que têm influência no mercado de M&As, o cenário no Brasil em 2024 se mostra atrativo para os investidores estrangeiros, tanto em razão da expetativa de baixa taxa Selic, quanto pelo recente controle da inflação. “Taxas de juros mais baixas podem tornar as alternativas de investimento tradicionais menos atrativas, levando os investidores a buscar retornos mais altos em outros tipos de investimentos, como M&A.”

JUNTOS E MAIS FORTES
As recentes uniões de grupos de saúde como Hapvida e Intermédica, assim como a compra do Pardini pelo Fleury, fizeram do setor da saúde um dos que mais fizeram operações M&A nos últimos anos no País

ESTRATÉGIAS Apesar do cenário favorável, Tomich ressalta que mais do que ter políticas ESG para que uma operação desse nível dê certo “é necessário realizar um processo estratégico, do início ao fim da negociação e transação”. O especialista da FT Aquisições destaca que as corporações brasileiras interessadas nesse tipo de negociação devem examinar minuciosamente todos os seus ativos e passivos, pois essa avaliação irá direcionar as ações e garantir que o negócio alcance seus objetivos de forma eficiente, impulsionando o crescimento e a competitividade. “É preciso melhorar a sua percepção de valor no mercado.”

Com o aquecimento das fusões e aquisições desde o início do ano, é preciso também, segundo ele, levar em consideração um tempo de defasagem em relação ao mercado internacional, a expectativa é que o ano de 2025 seja ainda mais promissor para o setor de M&A, com perspectivas de crescimento e o aumento das transações no Brasil. “Optar por um processo de fusão ou aquisição para rentabilizar o negócio é uma das principais decisões que os gestores enfrentam. Portanto, é preciso observar atentamente o contexto do mercado para aproveitar a hora mais adequada para obter lucratividade e garantir o sucesso da operação.”

MAIOR DO VAREJO
Cerimônia na B3 que selou a fusão da Arezzo com o Grupo Soma de Moda, controladora das marcas Hering e Farm

CRIPTOS AVANÇAM NO VAREJO

NÚMERO CRESCENTE DE ESTABELECIMENTOS QUE ACEITAM MOEDAS DIGITAIS MOSTRA NOVA TENDÊNCIA NAS FORMAS DE PAGAMENTO

Jaqueline MENDES

MOEDA VIRTUAL
No Brasil já é possível usar ativos digitais como forma de pagamento por produtos ou serviços em quase 11 mil estabelecimentos comerciais

Crédito, débito, Pix ou criptomoeda? A mais frequente das perguntas na hora de pagar por compras no comércio é quase uma realidade. Quase. Isso porque, discretamente, as moedas virtuais estão comendo pelas beiradas e conquistando um lugar ao sol no varejo brasileiro. Embora não seja correto afirmar que já é possível pagar diretamente com bitcoins, por exemplo, há como transacionar as criptomoedas por meio de gift-cards e recargas de cartões pré-pagos. Fintechs especializadas em meios de pagamento como Bitrefill, Dundle e Bitpay intermediam esse tipo de pagamentos em gigantes como Carrefour, McDonald's, iFood, Hotels.com, Americanas, Google Play, Uber, Shell, Centauro, Renner, Pizza Hut, entre muitos outros. No caso da Bitpay, já é possível pagar por serviços internacionais, como Amazon, Delta Airlines, Netflix e Spotify.

Desde a regulamentação do marco legal das criptomoedas no Brasil, em 2022, essa indústria tem evoluído a passos largos, em sintonia com o ritmo das criptos mundialmente. O número de estabelecimentos que passaram a aceitar ativos virtuais como forma de pagamento aumentou 42% em todo o mundo, passando de 7.731, em outubro de 2022, para 10.952, em abril de 2024. É o que mostra um estudo da BTC Map, plataforma que mapeia movimentações em bitcoins pelo mundo. Os dados também apontam que o crescimento está atrelado à proliferação de caixas eletrônicos de crip-

 FOTOS: DIVULGAÇÃO

1,12 trilhão

DE DÓLARES FOI O VOLUME DE TRANSAÇÕES À VISTA QUE A BINANCE REGISTROU EM MARÇO DE 2024, O MAIOR JÁ ALCANÇADO DESDE 2021

181 milhões

É O NÚMERO DE CAIXAS ELETRÔNICOS EXISTENTES NO MUNDO ONDE É POSSÍVEL REALIZAR OPERAÇÕES COM CRIPTOMOEDAS

tomoedas, que aumentaram 57% em 2023, chegando a 181 milhões de pontos.

No Brasil, há uma corrida — nem sempre visível — para liderar a aceitação desse tipo de pagamento. A cidade gaúcha de Rolante, por exemplo, está rapidamente se tornando um polo de aceitação de Bitcoin. O entusiasmo pela criptomoeda nasceu de uma iniciativa local chamada "Bitcoin É Aqui", criada pelo casal Ricardo Socoloski e Camilla Stock. O objetivo era não apenas promover o uso do Bitcoin, mas também colocar Rolante no mapa turístico. A cidade tem mais de 187 estabelecimentos aceitando Bitcoin, desde mercados locais e farmácias, até instituições mais complexas como hospitais e cartórios, o que equivale a 39% da cidade.

Se der certo, Rolante será um exemplo para o Brasil e o mundo, já que muitos países, como Venezuela e El Salvador, mergulharam de ponta nas moedas virtuais e quebraram a cara. O fracasso se deu por causa da usabilidade da criptomoeda, dificuldades em baixar uma carteira cripto, configurar a conta, guardar as senhas e lidar com toda a segurança das plataformas de negociação, que constantemente são alvos de hackers.

No entanto, o economista Harry Cerqueira, cofundador da fintech Delend, especializada em crédito para pequenas e médias empresas, afirma que a grande vantagem dos pagamentos com criptomoedas é a desintermediação e, por consequência, custos menores. "As criptomoedas permitem a realização de transações mesmo em regiões com infraestrutura limitada, e algumas blockchains permitem a realização de transações off-line, sincronizando quando a conexão for restabelecida", afirmou. "A representação digital de ativos e operações permite maior eficiência e segurança em processos como garantias em operações de crédito, reduzindo a burocracia e os custos."

Por todas as vantagens, o pagamento com criptos tem conquistado adeptos mundo afora. Uma pesquisa da ConsenSys e YouGov revela que 92% dos entrevistados em 15 países já ouviram falar do tema. O estudo também mostra que 16% das pessoas veem as criptomoedas como o "futuro do dinheiro", enquanto 11% as consideram uma alternativa aos sistemas financeiros tradicionais.

Já a Binance, maior provedora global de infraestrutura para o ecossistema blockchain e de criptomoedas, vem observando uma crescente procura por seus serviços e já registrou mais de 30 milhões de novos usuários. Para conquistar a confiança dos clientes, lançou, em 2018, a plataforma educativa Binance Academy, que, somente no primeiro trimestre deste ano, recebeu 928 mil novos usuários.

CREDIBILIDADE Essa crescente confiança é impulsionada pelos esforços da Binance e do mercado em torno de conformidade, segurança e educação, aliados à evolução em direção a frameworks regulatórios mais claros. Desde o início do ano, a empresa dobrou o número de visitas diárias e aumentou a participação mensal dos usuários. O valor dos ativos dos clientes ultrapassou, pela primeira vez, US$ 100 bilhões. Em média, ela recebe 150 mil novos usuários por dia. A Binance registrou, em março, um aumento de 121% no volume de negociações à vista, alcançando US$ 1,12 trilhão, o mais alto desde maio de 2021. À medida que o setor amadurece, a empresa mantém o compromisso de promover inclusão financeira e transparência, acolhendo os próximos bilhões de usuários.

Nem tudo são flores no mundo dos meios de pagamento com moedas virtuais. Para Virgílio Lage, especialista em criptomoedas da Valor Investimentos, a única desvantagem para o consumidor pagar com criptomoedas é a grande oscilação da cotação. Isso pode comprometer a capacidade de compra, em ciclos de baixa.

Investimento bilionário

Alguns dos maiores grupos hoteleiros do País estão acelerando suas estratégias de expansão, com projetos de mais de R$ 10 bilhões nos próximos anos. As opções vão desde parques aquáticos indoor até imensos complexos no interior do País e no litoral do Nordeste Hugo CILO

Quem passa pela Rodovia Dom Pedro I, na altura do km 86, no interior paulista, enxerga de longe uma imensa estrutura metálica cercada por tobogãs e palmeiras. É ali que funciona o primeiro e único parque aquático indoor da América Latina, o Aquapark do Tauá Resort & Convention Atibaia. Faça chuva ou faça sol, o local, que custou R$ 20 milhões, fica lotado quase o ano todo – mesmo no frio, a água aquecida garante a diversão. Mas não é da rodovia que se pode ver a maior e mais recente atração do resort. Em uma área anexa de 3,6 mil m², o Grupo Tauá acaba de inaugurar um espaço com 14 novas atrações, desde uma piscina com ondas e cinco toboáguas até uma inédita montanha-russa aquática. Tudo isso com um investimento de R$ 140 milhões e pouco mais de um ano de obra. "Conseguimos aumentar nossa taxa média de ocupação para 81%, enquanto antes ficava por volta de 75%", afirmou à DINHEIRO Lizete Ribeiro, CEO do Tauá, grupo mineiro fundado por seu pai, João Pinto Ribeiro. "Com a mudança de perfil dos consumidores nos

 FOTO: CLAUDIO GATTI

ELDORADO HOTELEIRO
Diego Ferrato, do Hot Beach, prevê investimentos de R$ 600 milhões neste ano, 20% mais do que em 2023

últimos anos, em que a experiência vale mais do que a posse de um bem, concorremos com qualquer setor de lazer e entretenimento, até mesmo com um cinema", acrescentou Lizete.

O Tauá não está sozinho nessa, digamos, brincadeira de gente grande. Há uma onda sem precedentes de megainvestimentos no setor de resorts e parques temáticos. Seja no Hot Beach, em Olímpia (SP), no Beach Park, em Aquiraz (CE), nos empreendimentos do goiano WAM Group ou nas diversas unidades brasileiras do Vila Galé, os temas expansão e investimento são assuntos recorrentes na piscina. E isso vale para todas as partes do País. O mesmo Tauá que investiu no interior de São Paulo está construindo

CONQUISTADOR PORTUGUÊS
O bilionário Jorge Rebelo de Almeida tem mais de R$ 1 bilhão para projetos que vão desde Ouro Preto (MG) e Maceió até Belém

um imenso resort em João Pessoa, na Paraíba, que terá outro parque indoor (sim, dizem que existe demanda por piscina coberta no Nordeste!), um complexo hoteleiro com 500 quartos e um parque aquático de 7,5 mil m². "Vamos criar uma estrutura capaz de convencer o turista a ficar no Brasil, disputando com os parques da Flórida, com Cancún ou qualquer outro destino turístico do mundo. Queremos ser a Disney brasileira", acrescentou a CEO do Tauá, que prevê um investimento de R$ 400 milhões no litoral paraibano e de algo próximo a R$ 1 bilhão até 2027, somando os projetos de suas unidades em Alexânia (GO) e Araxá (MG). "Não tenho dúvidas de que, com todos os investimentos no setor, o turismo será como o agronegócio para o País nos próximos dez anos."

A comparação com a Disney ou com o agro pode parecer ousada demais, mas a enxurrada de investimentos em curso é, de fato, de brilhar os olhos. A companhia portuguesa Vila Galé, hoje a maior rede de resorts do Brasil, com dez empreendi-

Novos empreendimentos de lazer e entretenimento, como o Búzios Beach Resort, da WAM Group, devem atrair mais de R$ 10 bilhões em 24 novos complexos, segundo a consultoria Noctua Advisory

mentos em operação, tem um orçamento de R$ 580 milhões até 2026 para turbinar sua presença no País. Sob o comando do bilionário português Jorge Rebelo de Almeida, o plano é ter mais cinco novos empreendimentos: o Vila Galé Collection Sunset Cumbuco (CE), que será inaugurado em novembro deste ano; o Vila Galé Collection Ouro Preto (MG), com previsão de inauguração para abril de 2025; e o Vila Galé Collection Amazônia - Belém, o primeiro empreendimento no Pará, com abertura prevista para novembro de 2025. Sem contar o recém-inaugurado resort de Alagoas, que também terá o Vila Galé Collection Coruripe e o Vila Galé Nep Kids, dedicado às crianças. “Lá os adultos só entram acompanhados dos pequenos”, brincou Dr. Jorge, como é conhecido o carismático dono do Vila Galé.

BRASIL COMO DESTINO Além desses projetos, o Grupo Vila Galé planeja outros empreendimentos, que serão anunciados em breve, segundo ele. Todos os novos projetos estão sendo financiados com recursos próprios da empresa. Os dez hotéis existentes ultrapassam o investimento de R$ 1 bilhão, tornando o Brasil o principal destino dos novos planos internacionais da companhia. “Nossa decisão de investir no Brasil é motivada pela riqueza cultural, diversidade e beleza natural. A Vila Galé valoriza a integração do turismo com a cultura local em seus empreendimentos, e o acolhimento do povo brasileiro é um fator importante nessa escolha”, afirmou o dono da companhia. Atualmente, a rede possui 32 hotéis em Portugal, um em Cuba e um na Espanha.

No caso do Brasil, é muito dinheiro. Pelos cálculos da Noctua Advisory, empresa especializada em hospitalidade e entretenimento, há nada menos do que R$ 10 bilhões em investimentos anunciados para os próximos três anos. “Além dos 21 grandes complexos em operação atualmente, que recebem 11,5 milhões de visitantes por ano, há 24 novos complexos em desenvolvimento”, afirmou Pedro Cypriano, sócio-fundador da Noctua. “Há muito espaço para crescer e acreditamos no aumento de dois dígitos no Brasil nos próximos anos.”

Na lista dos megaprojetos de expansão está o Beach Park, em Aquiraz, região metropolitana de Fortaleza. Entre dunas de areia branca e turbinas eólicas brota um dos mais imponentes oásis de lazer e hotelaria do Nordeste. Uma minicidade com restaurantes, lojas e shows, aberta ao público, se tornou atração mesmo para quem não quer — ou não pode — gastar para entrar no parque. Prestes a completar 40 anos, em 2025, o complexo turístico vive seu melhor momento. Com investimentos de quase R$ 200 milhões nos últimos dois anos, o local deve passar dos atuais 800 mil visitantes por ano para mais de 1 milhão de pessoas já em 2025. Segundo Murilo Pascoal, CEO do Beach Park, o grupo vive seu maior ciclo de crescimento e investimento da história. “As novas atrações do parque, o projeto do parque ecológico Arvorar, o nosso novo hotel Ohana e os píeres em Fortaleza colocarão o grupo em novos patamares nos próximos anos”, afirmou Pascoal à DINHEIRO.

Muito além dos personagens animados, dos tobogãs radicais e das piscinas aquecidas com ondas, boa parte do crescimento

“Se houver mais financiamento, o cenário será ainda melhor, com possibilidade de grupos internacionais aportarem aqui”

CAIO CALFAT
CEO DA CALFAT CONSULTING

DIVERSÃO QUE DÁ LUCRO

PROJETOS DE HOSPITALIDADE COM ÂNCORAS DE ENTRETENIMENTO EXPANDEM E ATRAEM INVESTIMENTOS

21 MAIORES COMPLEXOS EM OPERAÇÃO RECEBEM MAIS DE **11,5 milhões** DE VISITANTES AO ANO NO PAÍS

24 NOVOS COMPLEXOS EM DESENVOLVIMENTO, COM INVESTIMENTOS QUE ULTRAPASSAM **R$ 10 bilhões**

RESORTS, PARQUES TEMÁTICOS, ATRAÇÕES TURÍSTICAS E TIMESHARE LIDERAM OS INVESTIMENTOS

Só o timeshare responde por...

R$ 4 bilhões POR ANO EM VENDAS EM 150 EMPREENDIMENTOS

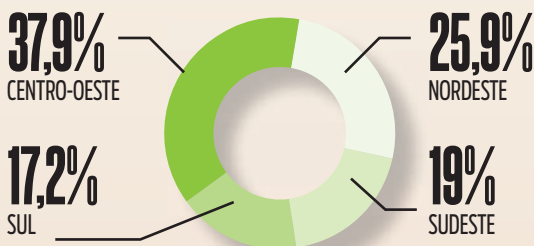
58 DAS PRINCIPAIS PROPRIEDADES DE TIMESHARE EM OPERAÇÃO SOMAM 14,2 MIL UNIDADES HABITACIONAIS E MAIS DE 154 MIL CLIENTES NA BASE ATIVA

27% DE TODOS OS RESORTS DO PAÍS

37,9% CENTRO-OESTE

25,9% NORDESTE

17,2% SUL

19% SUDESTE

NOS EUA JÁ SÃO QUASE 1,6 MIL RESORTS, O QUE REPRESENTA 89% DA OFERTA

Os principais players desse mercado são...

(EM ORDEM ALFABÉTICA)

- AVIVA
- BEACH PARK
- CANA BRAVA
- COSTÃO DO SANTINHO
- DIROMA HOTÉIS
- ENOTEL HOTÉIS & RESORTS
- GR GROUP
- GRUPO TAUÁ
- HOTÉIS FLAMBOYANT
- IBIOBI SMART CLUB
- JUREMA ÁGUAS QUENTES
- LE CANTON
- MABU HOTÉIS & RESORTS
- PREMIUM VACATIONS (TRANSAMERICA COMANDATUBA)
- ROYAL PALM HOTELS & RESORTS
- WISH HOTELS & RESORTS

FONTE: NOCTUA ADVISORY

A FORÇA DO NORDESTE
Murilo Pascoal, CEO do Beach Park, no Ceará, está investindo R$ 200 milhões na véspera do aniversário de 40 anos da empresa

projetado para os próximos anos se apoia no segmento chamado de timeshare ou multipropriedade — quando um mesmo apartamento é adquirido, com escritura e tudo, por até 48 famílias. Dos R$ 10 bilhões anunciados pelo setor, aproximadamente R$ 4 bilhões são destinados à construção de unidades para esse nicho. Parece muito, mas não é. “Atualmente, apenas 27% dos resorts brasileiros aderiram ao timeshare. Nos Estados Unidos, já são quase 1,6 mil resorts, o que representa 89% da oferta”, garante Cypriano. “Estamos no início de um potencial longo ciclo de crescimento no Brasil. E cada vez mais, o entretenimento terá um papel estratégico para a estruturação de projetos inovadores pelo País.”

Entre os propulsionadores dos novos investimentos, o timeshare é disparado o que vem ganhando cada vez mais destaque. Segundo o estudo *Timeshare no Brasil: Dimensionamento de Mercado e Performance*, recém-concluído pela Noctua em parceria com a RCI, há mais de 150 operações no Brasil hoje, que juntas somam 14,2 mil unidades habitacionais e mais de 154 mil clientes na base ativa. Elas são

RESORT EM EXPANSÃO
O Dom Pedro Laguna Beach Resort & Golf, em Aquiraz (CE), será voltado a turistas em busca de esportes radicais

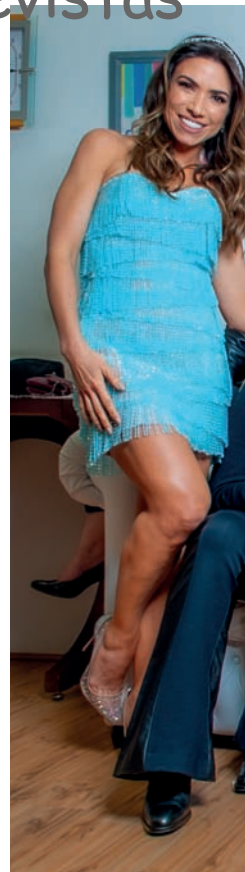
representadas por empresas como Aviva, Beach Park, Cana Brava, Costão do Santinho, diRoma Hotéis, Enotel Hotéis & Resorts, GR Group, Grupo Tauá, Hotéis Flamboyant, ibiobi Smart Club, Jurema Águas Quentes, Le Canton, Mabu Hotéis & Resorts, Premium Vacations (Transamerica Comandatuba), Royal Palm Hotels & Resorts e Wish Hotels & Resorts.

Em relação à presença geográfica, o estudo mostra que o timeshare se distribui por 14 estados e 25 cidades brasileiras. Considerando a presença dos empreendimentos nas regiões, eles estão localizados em sua maioria na região Centro-Oeste (37,9%), seguida pela região Nordeste (25,9%), Sudeste (19%) e Sul (17,2%). Pela distribuição da amostra por unidades habitacionais, há uma pequena inversão entre os mercados que ocupam o primeiro e segundo lugares, com a região Nordeste ganhando a dianteira (28,3%), seguida pelo Centro-Oeste (27,3%), Sudeste (26%) e Sul (18,4%).

Para Caio Calfat, um dos maiores especialistas do setor, o mercado de hospitalidade tem atraído muitos investimentos graças à possibilidade de atuar a partir do modelo de condo-hotel e na multipropriedade, despertando a atenção de muitos investidores. "Embora estejamos vivendo um cenário muito promissor em termos de investimento, se houver mais financiamento específico, o cenário será ainda melhor, com possibilidade de grupos internacionais aportarem aqui."

A cidade de Olímpia, no interior de São Paulo, é testemunha do Eldorado do turismo nacional e da popularização do timeshare. Um dos maiores e mais bem frequentados complexos turísticos do município, o Hot Beach deve receber neste ano 1,2 milhão de turistas, 40% do público de Olímpia. O concorrente Thermas dos Laranjais, mais voltado à classe C e preferido pelas excursões e pacotes CVC, prevê mais de 2 milhões de visitantes. Não por acaso, o Hot Beach planeja investir só neste ano mais de R$ 600 milhões em modernização e ampliação de seu parque aquático e estrutura hoteleira, 20% acima dos R$ 500 milhões de 2023. Segundo Diego Ferrato, superintendente do Grupo Ferrasa, controlador do Hot Beach, o plano é aprimorar a qualidade do atendimento e o nível de experiência. "Com a ampliação das áreas kids, expansão do parque, novo restaurante Rooftop em outubro e o complexo de apartamentos Hot Beach You, vamos ultrapassar a marca de R$ 1 bilhão até 2028", afirmou Ferrato, que estima que a cidade de Olímpia terá mais de 10 milhões de visitantes nos próximos quatro anos.

Seja pelas piscinas aquecidas, pelas piruetas dos tobogãs, pela sofisticação dos quartos ou pela qualidade dos novos restaurantes, são nos resorts brasileiros que os investimentos bilionários pretendem se hospedar.

SUCESSÃO FAMILIAR
Nos negócios, Renata e Daniela Abravanel devem assumir a gestão das empresas, enquanto no palco Patrícia será o grande nome do SBT após a morte do comunicador

O PRÓXIMO ATO DO G

Morte de Senor Abravanel deixa patrimônio bilionário para herdeiras, que assumirão postos

uanto vale o show? O bordão foi criado por Silvio Santos para questionar seus jurados, após a apresentação de artistas no icônico Show de Calouros, atração que ficou no ar por mais de 15 anos no SBT, durante toda a década de 1980 e início dos anos 90. Com a devida licença poética, a mesma pergunta voltou a circular por escritórios de advocacia e bancos de todos os portes após a morte de Senor Abravanel, no último dia 17, em uma tentativa de dimensionar o tamanho do patrimônio criado pelo empresário carioca ao longo das últimas seis décadas e meia e conjecturar sobre o futuro das empresas que hoje formam o Grupo Silvio Santos.

Atualmente, a holding da família controla cinco grandes empresas. A maior e mais relevante é a emissora de televisão SBT. Fundada em 1981 por Silvio Santos, a empresa incorporou a antiga TVS, concessão obtida pelo empresário junto ao governo militar seis anos antes. Ainda dentro da holding estão o Hotel Jequitimar, resort construído há 18 anos no Guarujá, litoral de São Paulo, e a Jequiti, empresa de cosméticos criada em 2006 para concorrer com Natura e Boticário. Ainda na lista aparecem Sisan Empreendimentos Imobiliários, responsável pela gestão dos imóveis da família e que se transformou em uma incorporadora imobiliária, e Liderança Capitalização, mais conhecida por ser a gestora e operadora da TeleSena.

Ainda que detivesse mais de 90% das ações do grupo, há alguns anos Silvio Santos já vinha se afastando não apenas dos palcos

RUPO SILVIO SANTOS

chaves no conglomerado, com mudanças na gestão e no perfil dos produtos

Alexandre INACIO

mas também da tomada das principais decisões dos seus negócios. Desde 2022, a filha caçula do empresário, Renata Abravanel, ocupa aos 39 anos a presidência do conselho de administração da holding da família, substituindo o pai na tomada das principais decisões. Seu treinamento para liderar os negócios criados por Silvio teve início em 2010. Durante uma década, ela ocupou diferentes funções operacionais do Grupo Silvio Santos, até que em 2020 substituiu seu primo Guilherme Stoliar como presidente executiva. Dois anos mais tarde passou o bastão para José Roberto Maciel e começou a se dedicar a questões mais estratégicas. Com a morte

JOIA DA COROA TV é hoje maior negócio da família Abravanel

de Silvio Santos, a expectativa de alguns analistas consultados pela DINHEIRO é de que pouca coisa mude na alta cúpula do grupo e que Renata passe a ser tratada como a sucessora de Silvio nos negócios.

"Existiu uma preocupação anterior em tentar organizar o patrimônio com a elaboração de um testamento. Até mesmo a sucessão empresarial, ou seja, a transmissão do comando efetivo das empresas, já vinha sendo feita em vida. O que não está claro é se existe uma diretriz geral em relação a manter o grupo como ele é hoje ou se isso vai ser livre, para ser feita a venda de várias participações", disse Joyl Gondim, sócio das áreas de M&A e estruturação patrimonial e sucessória do escritório Demarest.

Essa incerteza do que pode acontecer com negócios específicos do grupo recai, principalmente, sob a Jequiti. A empresa de cosméticos vinha em negociação para ser comprada pela Cimed, do empresário João Adibe Marques. Contudo, o próprio Grupo Silvio Santos informou durante a última semana que as negociações foram encerradas. Em nota, a empresa disse que "após um período de negociações e diálogo construtivo entre as partes, não foi possível alinhar os interesses envolvidos para concretizar o acordo". O que não fica claro é se o fim das conversas é reflexo da morte do patriarca ou é resultado de algum outro motivo relacionado aos valores envolvidos.

CELEBRIDADE Considerada a joia da coroa, o SBT é a principal empresa do império Abravanel e onde a maior parte dos herdeiros trabalha. Duas filhas estão à frente da operação. Hoje, a terceira filha do empresário, Daniela Abravanel Beyruti, é a mais envolvida na gestão, ocupando a vice-presidência, depois de ter sido diretora artística da emissora. Ao lado de Daniela está Rebeca Abravanel, filha de número cinco de Silvio Santos. É a atual diretora-executiva do SBT, mas também ocupa uma posição de destaque na frente das câmeras, apresentando programas como o "Roda a roda Jequiti".

Outras duas filhas ainda trabalham no SBT: Silvia e Patrícia Abravanel. Silvia é a segunda filha do empresário. Foi adotada por ele e Maria Aparecida, sua primeira esposa, e atua mais nos bastidores da programação matinal e de atrações infantis. Se Renata é a sucessora nos negócios, Patrícia é vista como a herdeira artística do apresentador e a nova cara do SBT. Desde que o pai se afastou dos palcos, ficou com ela a responsabilidade de apresentar o programa Silvio Santos, trabalho que tem feito desde 2022.

BAÚ DA FELICIDADE
Primeiro grande negócio do Grupo Silvio Santos foi vendido em 2011, por R$ 83 milhões, para o Magazine Luiza, que assumiu as 121 lojas da rede

Ainda que não atuem diretamente na parte administrativa da emissora, fontes do setor artístico consideram que estará nas mãos de Sílvia e Patrícia a responsabilidade por promover as prováveis mudanças nos quadros, atrações e na programação do SBT. Uma das principais metas será levar modernidade à TV, a partir de influenciadores e novas caras para a emissora, possivelmente em substituição a nomes mais antigos e que pesam sobre o orçamento.

Longe dos holofotes ainda está Cíntia Abravanel, a mais velha de todas e que, durante muitos anos, dizia não ter interesse em se envolver nos negócios. Contudo, sob sua responsabilidade está a gestão do Teatro Imprensa, também parte do Grupo Silvio Santos.

Os detalhes sobre o tamanho da fortuna de Silvio Santos são pouco conhecidos e divergentes. A Forbes, por exemplo, estimou no ano passado que o empresário detém um patrimônio de R$ 1,6 bilhão. Já um levantamento realizado pela Folha indicou que o patrimônio declarado seria de quase R$ 4 bilhões, com base em

TRAJETÓRIA DOS PRINCIPAIS NEGÓCIOS

1959
GRUPO SILVIO SANTOS COMEÇA SER ORGANIZADO AO ASSUMIR O BAÚ DA FELICIDADE, FUNDADO POR MANUEL DA NÓBREGA EM 1958

1969
É FUNDADO A BAÚ FINANCEIRA, COM A AQUISIÇÃO DA REAL SUL S.A., SENDO O EMBRIÃO DO QUE SE TRANSFORMARIA NO BANCO PANAMERICANO

1970
SILVIO SANTOS ADQUIRE 50% DO CAPITAL DA TV RECORD

1975
EMPRESÁRIO OBTÉM A CONCESSÃO PARA CRIAR A TVS E ADQUIRE A LIDERANÇA CAPITALIZAÇÃO, FUNDADA EM 1945

VISÃO DE NEGÓCIOS
Silvio Santos diversificou seus investimentos para criar não apenas uma empresa de comunicação, mas um império empresarial bilionário

documentos da Receita Federal e da Junta Comercial. Nesse valor estariam incluídas 35 empresas em nome do próprio apresentador, de suas filhas e também da holding.

Seja qual for o tamanho, Silvio Santos iniciou a divisão dos seus bens ainda em vida, deixando um testamento. No documento, além das seis filhas fará parte da partilha Íris Abravanel, viúva do empresário. Ainda que não tenha nenhuma função executiva, ela tem direito a parte do patrimônio do apresentador. O tamanho dessa fatia vai depender do regime de casamento adotado, segundo Maria Helena Bragaglia, sócia da área de resolução de conflitos e estruturação patrimonial do Demarest.

CRISE Mas o Grupo Silvio Santos não acumulou apenas sucessos e um patrimônio bilionário. Talvez o maior fracasso do conglomerado da família Abravanel tenha sido o Banco Panamericano. Braço financeiro do grupo por décadas, o Panamericano nasceu a partir da evolução da Baú Financeira, empresa criada pelo empresário em 1969, após a aquisição da Real Sul S.A. Entre 2007 e 2010, executivos do alto escalão elaboraram um esquema fraudulento nos balanços financeiros, causando um prejuízo superior a R$ 4 bilhões. Para escapar da falência, o banco se viu obrigado a recorrer ao Fundo Garantidor de Crédito (FDC),que realizou um aporte de R$ 2,5 bilhões em 2010. Meses depois, no início de 2011, o BTG Pactual anunciou a compra do controle acionário do banco, pagando para o Grupo Silvio Santos R$ 450 milhões, por 50,8% do Panamericano. Uma década mais tarde, o mesmo BTG pagaria R$ 3,7 bilhões pelo restante das ações, que pertenciam à Caixa.

A crise no braço financeiro levou o grupo a se desfazer do mais antigo negócio, o Baú da Felicidade. Seis meses após a venda do Panamericano, o Magazine Luiza desembolsou R$ 83 milhões para assumir o controle das 121 lojas da rede. À época, a operação transformou a empresa de Luiza Trajano no segundo maior varejista de eletroeletrônicos do Brasil.

Silvio Santos foi um dos maiores comunicadores do Brasil e um dos nomes mais influentes da televisão. Seu legado como apresentador, no entanto, não é menor do que seus feitos no mundo dos negócios. De vendedor de canetas nas ruas do Rio de Janeiro, o empresário foi banqueiro, varejista, proprietário de empresa de cosméticos, empreiteiro e até dono de um canal de televisão. S

DO GRUPO SILVIO SANTOS

1981 SILVIO SANTOS GANHA A CONCESSÃO PARA CRIAR O SBT, INCORPORANDO A TVS À REDE

1989 EMPRESÁRIO VENDE SUA PARTICIPAÇÃO NA RECORD PARA EDIR MACEDO

1990 NASCE A SISAN EMPREENDIMENTOS, BRAÇO IMOBILIÁRIO CRIADO PARA ADMINISTRAR OS IMÓVEIS DO GRUPO SILVIO SANTOS, QUE SE TRANSFORMOU EM INCORPORADORA

1991 LIDERANÇA CAPITALIZAÇÃO LANÇA A TELESENA, UM DOS MAIS FAMOSOS TÍTULOS DE CAPITALIZAÇÃO DO BRASIL

2006 HOTEL JEQUITIMAR INICIA SUAS ATIVIDADES NO GUARUJÁ. NO MESMO ANO É LANÇADA AMARCA DE PRODUTOS DE BELEZA JEQUITI

2011 EM CRISE APÓS FRAUDES CONTÁBEIS, BANCO PANAMERICANO É VENDIDO PARA O BTG. NO MESMO ANO, O MAGAZINE LUIZA ADQUIRE O BAÚ DA FELICIDADE

A FORÇA DO GRUPO SUPLEY

Dona das marcas de suplementos Max Titanium, Probiótica e Dr. Peanut, companhia conclui ampliação da fábrica em Matão (SP) e projeta receita de R$ 1,1 bilhão em 2024

Beto SILVA

Mariane Morelli e os irmãos Alberto e Carlos Moretto são amigos desde a infância. Conviveram na cidade de Matão, no interior de São Paulo. Antes de completarem 20 anos e apaixonados por esportes, decidiram abrir uma fábrica de suplementos alimentares, a Supley. A amizade virou parceria profissional. O ano era 2006. O negócio começou em uma casa da família Moretto, que foi reformada para receber os equipamentos para produção. O mercado brasileiro era incipiente nesse setor. Então Mariane resolveu fazer uma imersão nos Estados Unidos, onde o segmento já era amadurecido. O tino empreendedor e a vontade do trio em desenvolver o mercado por aqui fizeram a marca Max Titanium ganhar corpo. Em 2018, a Supley adquiriu a marca Probiótica e tornou-se o maior laboratório de suplementos alimentares da América Latina. Em 2022, mais um passo importante: a compra de 50% da fabricante de pasta de amendoim Dr. Peanut. A empresa virou o Grupo Supley, que no ano passado faturou R$ 967 milhões e projeta uma receita de R$ 1,1 bilhão para este ano. "Investimos R$ 10 milhões na modernização do maquinário e ampliação da nossa planta em Matão. Aumentamos nossa capacidade de produção em 65%, agora com 20 milhões de unidades anuais, e estamos preparados para o crescimento nos próximos três anos", disse Mariane, a CEO da companhia.

 FOTOS: DIVULGAÇÃO

Assim como os sócios se complementam, com Mariane à frente da parte administrativa e os irmãos Moretto no amparo técnico, as marcas do grupo também se incrementam. Produtos da Max Titanium miram praticantes de esportes de alto rendimento. "Está ligada à musculação, fisiculturismo, performance e disciplina", disse a executiva. Já com os itens da Probiótica, o público-alvo são os atletas do dia a dia. "Aquela pessoa que trabalha e tem uma rotina normal, cuida da família, mas corre, pedala e quer ter uma saúde mental e física melhor." E com a entrada recente da Dr. Peanut, a companhia tornou-se um "hub de saudabilidade", disse a CEO. "É uma boa fonte de gordura e de carboidrato. Entramos em uma categoria que casou com o nosso público", avaliou Mariane. Esse matrimônio fez com que as vendas da pasta de amendoim saltassem de R$ 60 milhões antes da chegada do Grupo Supley ao negócio para R$ 127 milhões registrados em 2023. Na divisão por faturamento do grupo, a Max Titanium é responsável por 65% das vendas totais, a Probiótica por 20% e a Dr. Peanut, 15%.

AUMENTAMOS NOSSA CAPACIDADE DE PRODUÇÃO EM 65%. AGORA, ESTAMOS PREPARADOS PARA O CRESCIMENTO NOS PRÓXIMOS TRÊS ANOS

MARIANE MORELLI
CEO DO GRUPO SUPLEY

NOVOS CANAIS Os produtos da Max Titanium e da Probiótica são fabricados na planta de Matão da companhia, que foi revitalizada. Na cidade do interior paulista também existe um centro de distribuição. Outras áreas logísticas do grupo estão em Extrema (MG) e em Cariacica (ES). E em Curitiba (PR) está a linha da Dr. Peanut. A empresa estuda um novo CD no Nordeste, possivelmente na Paraíba, para atender a demanda da região a partir da estratégia de vender seus produtos em supermercados e farmácias, até então disponíveis em comércios especializados em suplementos alimentares. Entre os parceiros desse projeto está o Grupo Mateus, referência no Nordeste em atacado e varejo. Também são clientes do Grupo Supley o Carrefour e a rede Savegnago, presente no interior de São Paulo. No ramo farmacêutico, estão a Drogasil, a Drogaria Total, a Redefarma e a Farmácia Indiana, com atuação em Minas Gerais, Bahia e Espírito Santo. "Canais de mercados e farmácias já são responsáveis por 20% das nossas vendas", disse a executiva, ao ressaltar que a comercialização por meios digitais, seja pelo e-commerce próprio ou pelos marketplaces da Amazon e Mercado Livre, também tem registrado 20% da receita.

Lembra daquela casa da família Moretto onde tudo começou? Continua com o Grupo Supley, mas agora é um centro de P&D, de onde saem nas inovações, como o recém-lançado whey sabor pistache com chocolate branco e a pasta Dr. Peanut sabor doce de leite. Por lá, barras proteicas estão em fase de estudos. Tudo para o Grupo Supley ganhar mais musculatura no mercado de suplementos.

A ESSÊNCIA DO CRESCIMENTO

Terceira maior marca de fragrâncias de venda direta, Hinode Group quer conquistar as novas gerações de consumidores

Letícia FRANCO

Um perfume é composto da mistura de fragrâncias (óleos essenciais) que garantem seu aroma e a concentração da essência. Para manter sua essência há mais de três décadas e crescer no mercado de beleza e cosméticos, o Hinode Group renova suas estratégias, que incluem desde o lançamento de um novo produto até o fomento do empreendedorismo, parte do DNA da companhia que nasceu como uma empresa de venda direta em 1988. Com receita anual de aproximadamente R$ 750 milhões e uma rede de 600 mil consultores, o grupo atua no Brasil e em outros sete países da região, e quer crescer à medida que se aproxima da geração Z (pessoas nascidas entre 1997 e 2012), investindo em lançamentos de perfumes e cosméticos para esse público. "É essencial expandir nosso público e acompanhar as tendências",

> **“É IMPORTANTE SE CONECTAR COM AS NOVAS GERAÇÕES PARA INOVAR COM NOVOS PRODUTOS E EXPANDIR O PÚBLICO”**
>
> **SANDRO RODRIGUES**, CEO DO HINODE GROUP

GEN Z
De olho nos consumidores jovens, o Hinode Group tem investido em lançamentos e em comunicação para conquistar esse público

disse à DINHEIRO Sandro Rodrigues, CEO do Hinode Group.

Nesse sentido, em junho deste ano, a marca lançou a linha de fragrâncias “vibez!”, com perfumes masculino e feminino. Trata-se do primeiro lançamento voltado para o público jovem. Segundo o executivo, a empresa tem se dedicado a ações de comunicação e marketing para captar os novos consumidores, como a presença em redes sociais populares como o TikTok. “É preciso comunicar, estar mais perto deles para atender a demanda”, afirmou Rodrigues. Hoje, a marca possui cerca de 300 SKUs em seu portfólio.

Esse novo olhar é indispensável para uma empresa que quer permanecer competitiva no mercado. Ainda mais para o Hinode Group, uma companhia que se desenvolveu principalmente ao lado de mulheres, muitas vezes chefes de família, seja como revendedoras ou consumidoras. O canal de revendas, inclusive, representa 95% do faturamento da empresa, que conta com e-commerce próprio e 250 franquias no Brasil. A rede de consultores também é o que impulsiona a expansão internacional do grupo, que possui esse canal único na Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru e México. Segundo dados da empresa, em 2023, foram gerados R$ 951 milhões em renda para consultores e franqueados.

SUSTENTÁVEL Além desses fatores, para o executivo, a sustentabilidade também é um dos pilares principais para o grupo crescer nos próximos anos. “Enxergamos a sustentabilidade como um farol que guia nossa longevidade. Nossa base está mais sólida e, agora, direcionamos nossos esforços para um crescimento sustentado”, afirmou Rodrigues. Em 2023, o Hinode Group destacou a redução de 22,5% nas emissões de gases de efeito estufa (GEE) e a adoção de energia renovável em sua fábrica em Jandira (SP), responsável por 80% do consumo energético da companhia. Além disso, a empresa implementou ações de ecoeficiência no seu Centro de Distribuição em Extrema, Minas Gerais, como a substituição de plástico bolha por papel kraft biodegradável. O Projeto Hinode Recicla 2.0 também representou avanço nas iniciativas de sustentabilidade da empresa, tendo como premissa a colaboração estratégica com cooperativas de reciclagem, que desempenham um papel crucial na coleta, separação, tratamento e reintegração dos resíduos recicláveis na cadeia produtiva. Este projeto não apenas aborda a questão da responsabilidade ambiental, ao incentivar a reciclagem das embalagens usadas dos produtos Hinode, mas também tem um impacto social, contribuindo com a geração de renda para as cooperativas de reciclagem envolvidas, beneficiando as comunidades locais. A primeira ação do Hinode Recicla 2.0 contou com 46,4 quilos de resíduos recuperados.

R$ 750 MILHÕES
É O FATURAMENTO ANUAL DA EMPRESA

600 MIL
É NÚMERO DE CONSULTORES, PRINCIPAL CANAL DE VENDA DA HINODE

Multinacional brasileira avança em internacionalização, amplia fábricas em Manaus (AM) e Extrema (MG), pensa em IPO e projeta alcançar R$ 1 bilhão de faturamento

A ENERGIA ARMAZENA

Beto SILVA

LOCALIDADE REMOTA
Unidade de células fotovoltaicas, com baterias da UCB Power, na comunidade de Cavalcanti, em Rondônia: referência de capacidade e propósito

A foto que ilustra esta reportagem é emblemática. Na discreta casinha à margem de um dos principais rios de Rondônia, na comunidade de Cavalcante, no Baixo Madeira, está uma unidade de células fotovoltaicas, com as baterias da UCB Power. É uma das 68 comunidades remotas, com 900 famílias, que são atendidas pelo Programa Mais Luz Para a Amazônia, do governo federal, e que a fabricante de baterias estacionárias e soluções de energia está envolvida. Algumas dessas localidades estão a cinco horas de barco de algum centro urbano e não tinha energia. Ou, nas que possuem, a instabilidade não permitia ter uma geladeira, por exemplo, pois o liga-desliga queima o eletrodoméstico. A instalação de baterias, inversores e painéis fotovoltaicos pela UCB, contratada por distribuidoras, proporcionam autonomia e disponibilidade de energia elétrica durante o dia com a captação da energia solar pelos painéis. Ao mesmo tempo, abastece as baterias e gera disponibilidade de energia também no período noturno. Esse é apenas um case da capacidade e do propósito da UCB, que até o ano passado era Unicoba – mudou de nome e logotipo em um rebranding. A multinacional brasileira é uma das maiores em soluções de armazenamento de energia da América Latina, com faturamento de R$ 890 milhões em 2023. A expectativa é crescer 20% neste ano e alcançar receita em torno de R$ 1 bilhão. "Temos base sólida preparada na companhia. Já somos protagonistas na questão de armazenamento de energia no Brasil e na América Latina e temos potencial de termos notoriedade global nessas soluções", disse à DINHEIRO George Fernandes, CEO da UCB Power, que trabalha para implantar em setembro um projeto pioneiro de baterias de sódio na comunidade de Tumbira (AM).

Há dois anos, o executivo assumiu o cargo com a missão de profissionalizar a companhia, até então familiar. "Tínhamos muitas oportunidades travadas. Descentralizamos as decisões. Não dá pra ter um herói", disse Fernandes. Recentemente, o BID Invest, braço de investimento privado do Banco Interamericano de Desenvolvimento, anunciou financiamento à empresa para ampliar produção das plantas de Manaus (AM) e Extrema (MG) e,

 FOTOS: DIVULGAÇÃO

> Já somos protagonistas na América Latina e temos potencial de alcançar uma notoriedade global nessas soluções de energia"

GEORGE FERNANDES
CEO DA UCB

assim, avançar em baterias para mobilidade – já é referência na fabricação de baterias estacionárias e portáteis para celulares e laptops. Na fábrica da cidade mineira, a companhia investe R$ 380 milhões em energia limpa, para produzir sistemas pioneiros de armazenamento de energia de alta voltagem, conhecida como BESS (Battery Energy Storage Sylstem).

Outra recente empreitada da UCB é a abertura de filial comercial em Marselha, na França, com planos de implementar em breve uma operação fabril. Essa iniciativa visa atender às demandas do mercado europeu. E soma-se aos escritórios na Ásia (Seul, na Coreia do Sul, e Shenzhen, na China). "Se temos a concorrência de empresas internacionais aqui no Brasil, nós também temos de disputar espaço com eles lá fora", frisou o CEO. Há ainda testes de algumas soluções na Europa e na África, em especial em Moçambique, para atender escolas em regiões remotas do país. O desenvolvimento desses projetos, tanto dentro como fora do Brasil, pode ser alavancado com a abertura de oferta pública inicial (IPO de ações da companhia. Não é algo para o curto prazo, mas está no planos da empresa. "Obviamente é o nosso futuro. Quando empresa estiver maior, é algo importante e necessário, pois atuamos em um setor que necessita de recursos o tempo todo. Faz todo sentido para nós", afirmou Fernandes.

Enquanto prepara terreno para negociar papeis na bolsa, o que pode ocorrer no prazo de dois anos, a UCB reforça sua linha de ativos na área de segurança. Adquiriu a patente e a carteira de clientes da EP Telecom, empresa pioneira em soluções de blindagem contra furtos e roubos de equipamentos, a partir de tecnologia para resinagem de baterias estacionárias e cabos. A companhia tem acelerado sua agenda de M&A após a entrada da Spectra Investments no seu quadro societário. Assim, a UCB armazena energia e disposição para seguir crescendo.

ESTRATÉGIA
Companhia vai ampliar a produção nas fábricas de Manaus (AM) e de Extrema (MG), para avançar em soluções na área de mobilidade

LELLO QUER DEIXAR SEU CONDOMÍNIO SUSTENTÁVEL

Projetos ESG da maior administradora de imóveis da América Latina impactam mais de 1 milhão de pessoas e agregam valor aos serviços prestados pela empresa

Alexandre INACIO

Para muitas pessoas, morar em um condomínio representa viver em prédios ou conjuntos de casas monitoradas, dividir despesas e almejar uma sensação de segurança - ainda que isso não seja totalmente uma realidade. Ter uma vida tão próxima de outras pessoas, no entanto, pode ser também sinônimo de longas e maçantes reuniões com vizinhos, muitas vezes regadas a brigas e discussões sem fim, ter que lidar com festas e barulhos fora de hora.

Entre prós e contras, a Lello está tentando tornar essa coexistência pelo menos um pouco mais sustentável. Perto de completar 70 anos, a maior administradora da América Latina tem acelerado os trabalhos do seu Lellolabs, uma espécie de laboratório da Lello que desenvolve e implementa projetos de inovação da vida em comum, com base em princípios ESG.

A ideia é incentivar práticas que enderecem os desafios do convívio e os impactos ambientais nos condo-

 FOTOS: NONONONONOONONO | ONONONONO

mínios com foco nos moradores de empreendimentos residenciais na capital paulista, região metropolitana e interior do estado. Para isso, a Lello se uniu ao Instituto Euvaldo Logi (IEL) e ao Instituto Paulista de Tecnologia (IPT) para ir até síndicos e moradores, avaliar as necessidades, levantar dados e propor planos de inovação e sustentabilidade para seus condomínios

Até o ano passado, cerca de 10% da base de 3.500 clientes da Lello haviam sido visitados e recebido propostas de projetos. O número significa 50 mil unidades habitacionais e envolve cerca de 150 mil pessoas. Neste ano, já são 400 e a expectativa é encerrar 2024 com mais de 600 clientes atendidos pelo Lellolabs, o que representa aproximadamente 20% da base de clientes.

"Quando a gente visita o condomínio e levanta os dados para fazer um trabalho científico e de pesquisa, estudamos a dimensão de energia, infraestrutura azul (água), verde, cinza (resíduos), predial (ciclo de vida do condomínio), de convívio (áreas comuns), acessibilidade e relacionamento com o entorno", disse Filipe Cassapo, diretor do Lellolab à DINHEIRO.

Após as visitas, a equipe faz uma análise do grau de maturidade do condomínio para cada um das dimensões. Um relatório é elaborado apresentando pontos a serem aprimorados e um plano de ações é proposto. Segundo Cassapo, esse serviço já é recebido pelo condomínio quando é administrado pela Lello. Eventuais custos existem quando são necessárias obras, ajustes na infraestrutura ou aquisição de equipamentos. "O que nós oferecemos é esse estudo, essa rota e todo o acompanhamento para que essa rota aconteça."

PRIORIDADES No levantamento da Lello, 35% das demandas existentes nos condomínios atualmente têm alguma relação com a gestão de resíduos, sendo que 20% dos projetos implementados são de resíduos eletrônicos. Nesse sentido, 45% de todos os resíduos gerados nas residências são orgânicos e apenas 2,5% possuem algum tipo de projeto para compostagem desse material. "Identificamos que 56% dos condomínios possuem potencial para realizar a compostagem, material que poderia ser usado como um ativo para os espaços verdes", afirma. Nas contas do executivo, 22% dos condomínios já possuem uma horta comunitária, porém, 64% têm potencial para implantar ou ampliar esses projetos.

GESTÃO DE RESÍDUOS
Apesar de 56% dos condomínios apresentarem potencial para reutilizar lixo orgânico, apenas 2,5% têm iniciativas de compostagem dos resíduos produzidos

"Projetos são apresentados com base em fatos e dados coletados e precisam ter viabilidade econômica para os condomínios

FILIPE CASSAPO
DIRETOR DO LELLOLABS

Reflexo do momento da indústria automotiva, os condomínios ampliaram em 50% a demanda para a implementação de projetos de energia renovável e infraestrutura para veículos elétricos, em 2024. Hoje, apenas 8% possuem geração de energia solar, enquanto 78% têm disponibilidade de área para implementar esse tipo de solução. "Os dados que temos são muito sólidos. Não existe no Brasil um estudo equivalente ao que a gente tem. Já temos uma boa ideia do que acontece nos condomínios de forma geral e uma boa ideia das prioridades para causar o maior impacto em termos de bem-estar social e ambiental nas cidades do século XXI."

A aposta da Lello no bem-estar dos moradores dos condomínios que administra não é por acaso. Apesar de não existirem dados oficiais sobre o tempo médio que uma administradora fica na gestão de um condomínio, estimativas do setor apontam para um prazo de cinco anos na cidade de São Paulo. Promovendo e incentivando o bem-estar, o plano da Lello passa por obter uma maior longevidade nos contratos vigentes e nos que a empresa tem fechado recentemente. "Temos a consciência da nossa responsabilidade como administradores. Obviamente, ela é operacional, passa pela prestação de contas, boletos, reserva de sala, manutenção e precisa ser tratada de forma eficiente. Mas podemos entregar bem mais do que isso. Podemos entregar qualidade de vida e bem-estar para o morador, com estudos e projetos baseados em fatos e dados e de tal forma que a conta feche", diz Cassapo.

OS MAIORES UNICÓRNIOS DE 2024

Neste ano, 38 startups se tornaram unicórnios a partir de aportes de grandes fundos e companhias de tecnologia, apesar do mercado de capital de risco estar aquecido. O levantamento é do TechCrunch, com dados do Crunchbase, CB Insights e PitchBook. A lista das empresas que possuem valuation superior a US$ 1 billhão inclui o xAI de Elon Musk, que já está avaliado em impressionantes US$ 24 bilhões. Confira as 10 maiores startups que alçaram ao status de unicórnio em 2024, seu valor de mercado e o que elas fazem:

TSMC RECEBE **€ 5 BILHÕES** PARA FABRICAR CHIPS

Primeira fábrica de chips da TSMC (Taiwan Semiconductor Manufacturing Co.) na Europa, em Dresden, na Alemanha, vai receber auxílio estatal de € 5 bilhões do governo alemão. A Comissão Europeia aprovou o apoio para a nova planta, que é uma joint venture entre a gigante taiwanesa de chips, a holandesa NXP e as alemãs Bosch e Infineon. O auxílio faz parte da Lei de Chips da UE, que visa aumentar a participação do bloco na produção global de chips para 20% até 2030, diante das tensões entre EUA e China nesse setor.

UM **ROBÔ HUMANOIDE** PARA TER EM CASA

O novo robô humanoide G1, da empresa Unitree, está definido para ter produção em massa, no valor de US$ 16 mil a unidade. Com 1,20m de altura e pesando 35 quilos, o G1 agora terá um desempenho mais forte, com capacidades como pular, andar mais rápido e subir escadas. Embora não seja esperado que execute tarefas domésticas imediatamente, foi projetado para pesquisa e pode ser um dos primeiros robôs humanoides acessíveis e disponíveis para uso doméstico. Um amigo para chamar de seu, dentro de casa.

INFOGRÁFICO: DENIS CARDOSO | FOTOS: CFOTO/NURPHOTO VIA AFP | LULA LOPES | DIVULGAÇÃO

#	Empresa	Valor	Descrição
1	xAI	US$ 24 bilhões	Modelo multimodal de grande linguagem conhecido como Grok
2	Quantinuum	US$ 5,3 bilhões	Serviço de computação quântica em nuvem
3	Monad Labs	US$ 3 bilhões	Versão mais rápida do blockchain Ethereum
4	Xaira Therapeutics	US$ 2,7 bilhões	Descoberta de medicamentos por IA
5	Figure	US$ 2,6 bilhões	Empresa de robôs humanoides
6	Cognition AI	US$ 2 bilhões	Engenharia de software de IA chamada Devin
7	Weka	US$ 1,6 bilhão	Armazenamento de dados SaaS
8	Huntress	US$ 1,55 bilhão	Segurança cibernética gerenciada
9	Harvey	US$ 1,5 bilhão	Plataforma de IA jurídica
10	Altruist	US$ 1,5 bilhão	Fintech de gestão de investimentos

UM AJUDANTE ESPECIAL NA **REABILITAÇÃO DE AVC**

Robôs usados como assistentes sociais estão lendo sinais cerebrais para apoiar a reabilitação de pessoas com sequelas de Acidente Vascular Cerebral (AVC). O projeto Vitalise é financiado pela União Europeia. Os robôs têm ajudado os pacientes a se manterem motivados para realizar exercícios repetitivos. Eles se se comunicam com os pacientes usando um fone de ouvido que monitora sinais cerebrais. Os dados são processados e permitem que eles forneçam motivação e feedback em tempo real, e até mesmo imitem movimentos para demonstrar um exercício. "Todos os pacientes disseram que interagir com o robô foi uma experiência motivacional", disse a pesquisadora-chefe, Lynne Baillie Baillie.

"ADEUS. ESTAMOS ABRINDO NA @ABDI_DIGITAL UMA CONCORRÊNCIA PARA ADQUIRIR UM SERVIÇO PRÓPRIO, NACIONAL, DE MENSAGERIA ENTRE OS COLABORADORES, DE FORMA A PRESERVAR INFORMAÇÕES DA INDÚSTRIA NACIONAL. CHEGA DE DAR TUDO DE BANDEJA PARA A META/NSA/CIA DO SR. MARK ZUCKERBERG. SOBERANIA."

RICARDO CAPPELLI, PRESIDENTE DA ABDI (AGÊNCIA BRASILEIRA DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL), SOBRE ABANDONAR O WHATSAPP NA COMUNICAÇÃO INTERNA DO GOVERNO FEDERAL. A DECISÃO ESTÁ RELACIONADA A CASOS DE VAZAMENTOS E ROUBO DE DADOS ASSOCIADOS À PLATAFORMA DA META.

X SAI DO BRASIL. E AGORA?

Rede social encerra operações no País após tensão com o STF. Aumento da desinformação e reflexos negativos ao setor de tecnologia são consequências apontadas por especialistas

Aline ALMEIDA

Embate entre o empresário Elon Musk e o ministro do STF Alexandre de Moraes tem ampliado nos últimos meses. No meio do duelo estão funcionários e usuários do X

As redes sociais desempenham um papel fundamental na vida dos brasileiros, funcionando como plataformas de expressão, informação e conexão. Entre elas, o X (antigo Twitter), que durante muitos anos foi a queridinha dos brasileiros ao oferecer espaço para debates públicos e notícias em tempo real, mas foi transformado em um celeiro de preconceito, discursos de ódio e negacionismo, principalmente após a compra da plataforma pelo bilionário Elon Musk. Com esse cenário, muitos usuários foram processadas, posts tiveram de ser apagados e contas excluídas dos por decisão judicial.

Algumas dessas decisões, no entanto, não estavam sendo cumpridas pelo X. O que levou o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes fechar o cerco ao antigo Twitrer, que acusa o juiz de ameaçar prender a representante legal da empresa no Brasil, Raquel de Oliveira Villa Nova Conceição, caso a plataforma não cumprisse as ordens de bloqueio de contas antidemocráticas. Na manhã do dia 17 de agosto, cerca de 40 funcionários do X no Brasil foram surpreendidos com uma reunião on-line de emergência. Foram informados de suas demissões, marcando o encerramento definitivo das atividades do escritório brasileiro.

O perfil oficial do X publicou um comunicado sobre a decisão. "Moraes optou por ameaçar nossa equipe no Brasil em vez de respeitar a lei ou o devido processo legal. Como resultado, para proteger a segurança de nossa equipe, decidimos encerrar nossas operações no Brasil, com efeito imediato. O serviço X continua disponível para a população brasileira", afirmou a mensagem da rede social, que diminuiu a transparência na divulgação de seus dados. O último balanço público é do segundo trimestre de 2022, quando a receita foi de US$ 1,18 bilhão, com prejuízo de US$ 270 milhões. O que mostra um ceticismo do mercado publicitário em anúncios por lá.

Mas ao sair do Brasil, quais as consequências a partir de agora? Pedro Henrique Ramos, especialista em governança digital, professor do Ibmec e sócio do Baptista Luz Advogados, destacou que o impacto imediato dessa decisão, além das demissões, é o aumento da desinformação e do discurso de ódio na plataforma. "Sem colaboradores locais, fluentes em português e capazes de entender nuances contextuais, a moderação de conteúdo se torna menos eficaz", avaliou. Ramos destacou inda que os negócios da Starlink, a empresa de internet via satélite do bilionário, que chegou ao Brasil em fevereiro de 2022, não deve ser afetada. Segundo dados divulgados pela Anatel no início de julho, a Starlink se tornou a maior operadora de internet por satélite no País, mantendo suas operações ativas. "O que se rompeu nessa disputa entre Musk e Moraes foi o elo mais fraco — os funcionários e usuários do X", disse.

Para Igor Lucena, economista e doutor em relações internacionais pela Universidade de Lisboa, a decisão de Musk prejudica o setor de tecnologia no Brasil. "Quando empresas saem de um país, seja ela de capital aberto ou fechado, isso sinaliza falta de liberdade para investimentos. Investimentos em tecnologia são, muitas vezes, de longo prazo e incertos. É preocupante que o Brasil seja comparado a países onde o X é proibido, como Cuba e China. O X ainda não foi proibido no Brasil, mas já deixou o País", analisou Lucena.

DISPUTA Felipe Fogaça, especialista em tecnologia e fundador da rede social YourClub, vê essa situação como uma queda de braço entre a visão de Elon Musk e o judiciário. "Algumas pessoas apoiam as ações de Musk por ele criticar um juiz que, supostamente, age contra suas preferências políticas", observou. Fogaça acrescentou que esse impasse não é exclusivo do Brasil, pois Musk tem se envolvido em discussões semelhantes nos EUA e na Europa. Para ele, até o momento, nada muda, já que o X continua sendo usado pelos brasileiros. "Não acredito que saiam do Brasil. Caso isso ocorresse, haveria uma migração em massa para o Threads [do grupo Meta], o que não interessa a Musk", analisou.

SOLUÇÃO DA ÍN

Zoho, de software empresarial, fatura globalmente US$ 1,1 bilhão. No mercado brasileiro, registrou um aumento de 45% na receita nos primeiros seis meses deste ano

Aline ALMEIDA

A medida que a tecnologia avança, o mercado fica cada vez mais dinâmico. Algumas empresas fecham por suas ferramentas ficarem obsoletas, outras surgem e algumas são adquiridas por gigantes do setor. Assustar as companhias que dominam o segmento é tarefa difícil. A multinacional indiana Zoho, presente em 150 países, está iniciando essa jornada, ao enfrentar rivais como SAP e Totvs. Com 25 anos no mercado de softwares de gestão, faturou globalmente US$ 1,1 bilhão em 2023. A corporação da Índia, que tem se transformado em um dos principais polos tecnológicos do mundo, trabalha para alavancar seus negócios. Uma das apostas é o Brasil, onde chegou oficialmente em 2021 e vem crescendo rapidamente.

RODRIGO VACA
Para o diretor-geral da Zoho Brasil, o país possui um mercado singular, focado em processos

DIA

Por aqui, a empresa conta com 75 colaboradores e registrou um aumento expressivo na receita em 2023, com uma variação de 325% em relação a 2021. Somente nos primeiros seis meses de 2024, o faturamento avançou 45% em comparação ao mesmo período do ano passado. O Brasil agora ocupa a 12ª posição em termos de receita global e, quando se trata de vendas geradas por novos usuários, o País está em oitavo lugar. Entre os 20 maiores países do mundo, o Brasil lidera nesse indicador.

Com escritório em Florianópolis, a empresa oferece soluções completas em Software as a Service (SaaS), com mais de 50 ferramentas disponíveis, como Zoho Workplace, focado em produtividade e gestão da força de trabalho; Zoho CRM, para gerenciamento de relacionamento com clientes; e Zoho Desk, para atendimento ao cliente. A transparência e a liberdade para os clientes escolherem quais produtos utilizar são marcas registradas da companhia, segundo Rodrigo Vaca, diretor-geral da Zoho Brasil. "Muitos clientes usam apenas um produto, enquanto outros combinam diferentes soluções. Nosso objetivo é proporcionar uma experiência simples e eficiente, evitando que o cliente precise gastar tempo e recursos adicionais com integrações", explicou. Para o executivo, a principal tendência tecnológica que impactará o Brasil nos próximos anos é a adaptação de processos. "As empresas estão buscando integrar e automatizar diversos sistemas e processos para aumentar a eficiência e produtividade."

Entre as novidades recém-lançadas, a multinacional indiana introduziu, em abril, o pagamento em reais em sua plataforma de e-commerce. Com o crescimento no Brasil, a empresa busca simplificar a contratação de seus serviços, especialmente para pequenas e médias empresas, que compõem a maior parte de sua clientela. Anteriormente, a plataforma aceitava apenas pagamentos em dólares, oferecendo a opção em moeda local somente em transações off-line. A intenção da Zoho é continuar crescendo no mercado brasileiro e se tornar cada vez mais relevante para a matriz na Índia. "Estamos focados em expandir nossa rede de parceiros em todos os estados do Brasil e participar de eventos em diferentes regiões do País", destacou Vaca, acrescentando que a empresa sempre busca adaptar suas soluções às necessidades locais. "O Brasil tem um enorme potencial e queremos ser parte integral desse crescimento."

Ao avaliar o potencial do setor tecnológico no Brasil, Vaca, que é mexicano, observou que muitos estrangeiros ainda o veem apenas como o país do futebol e do carnaval. No entanto, sua experiência pessoal revelou uma realidade diferente. "O Brasil tem muito a oferecer. Especialmente em São Paulo, a cultura de negócios é bastante semelhante à dos Estados Unidos", afirmou. Vaca também destacou a singularidade do mercado brasileiro. "O Brasil é um mercado único, voltado a processos, que podem ser vistos como eficiência ou burocracia, dependendo da execução. Além disso, é um mercado disperso, com uma economia local forte mesmo em cidades menores. E é relativamente fechado para empresas estrangeiras, o que apresenta desafios adicionais", discorreu o diretor da Zoho.

EVENTO Em agosto, o Brasil recebeu pela primeira vez o evento Zoholics, que já é consolidado nos principais mercados globais da Zoho. O objetivo do evento, realizado na capital paulista, foi fortalecer os vínculos com a comunidade local de usuários e parceiros, além de apresentar as principais ferramentas na nuvem da Zoho, que auxiliam empresas a avançarem em suas estratégias de transformação digital. Realizado em mais de 20 países, o Zoholics oferece uma programação que inclui palestras, workshops e sessões individualizadas com especialistas, proporcionando uma imersão completa nas soluções da empresa. É mais um passo da Zoho para ganhar força e encarar as gigantes do setor.

10 PERGUNTAS PARA

LORETO MONTOYA

SÓCIA SÊNIOR E LÍDER GLOBAL DE TECNOLOGIA NA KORN FERRY

"HUMILDADE, MENTALIDADE DE APRENDIZADO E HUMANIDADE SÃO ALGUMAS DAS COMPETÊNCIAS EXIGIDAS PARA OBTER TALENTOS"

Allan RAVAGNANI

O mercado de trabalho nos Estados Unidos tem demonstrado um interesse crescente por profissionais de TI brasileiros, especialmente na região do Vale do Silício e nos estados mais tecnológicos, impulsionado pela qualidade técnica, adaptabilidade e eficiência de custos que esses trabalhadores oferecem. Essa procura reflete a demanda pelas habilidades específicas e o reconhecimento do valor que esses profissionais levam ao ambiente multicultural e de inovação presente nas big techs. A partir dessa perspectiva, a DINHEIRO conversou com a líder global de tecnologia na Korn Ferry, Loreto Montoya, que falou sobre como essa tendência se desenvolve, qual o perfil desejado pelas grandes corporações, treinamentos de adaptação cultural e o papel da consultoria em apoiar essas grandes empresas na integração e na retenção de talentos.

A Korn Ferry é uma consultoria multifacetada. Como você costuma descrever o que a empresa faz quando perguntada?
Quando descrevo a Korn Ferry, geralmente destaco sua abordagem abrangente de gestão de talentos e consultoria organizacional. Nós chamamos de "Consultores de Negócios e Construtores de Carreiras". Somos uma consultoria global de organização e trabalhamos com nossos clientes para projetar estruturas organizacionais ideais, funções e responsabilidades. Ajudamos a contratar as pessoas certas e orientamos sobre como recompensar e motivar a força de trabalho enquanto desenvolvem profissionais à medida que navegam e avançam em suas carreiras.

Como os profissionais de TI brasileiros são percebidos no mercado global, particularmente nos Estados Unidos?
No geral, os profissionais de TI

brasileiros são vistos como valiosos para a indústria tecnológica global, trazendo uma combinação de expertise técnica, eficiência de custos e adaptabilidade cultural. Brasileiros são geralmente bem vistos no mercado global, incluindo nos EUA, por serem adaptáveis e ter habilidade de trabalhar bem em equipes diversas. Suas habilidades de comunicação e sensibilidade cultural os tornam ativos valiosos em multinacionais. Eles são conhecidos por serem proativos, inovadores e comprometidos com o aprendizado contínuo.

O mercado americano de talentos tecnológicos está em expansão. Como você vê a demanda por desenvolvedores brasileiros evoluindo nesse contexto?
São várias razões, uma delas é o alto nível de habilidade. Os profissionais brasileiros são conhecidos por fortes habilidades técnicas, especialmente em desenvolvimento de software, IA e análise de dados. Muitos possuem diplomas avançados e certificações, o que os torna competitivos no mercado global. Outro ponto é o custo-benefício, pois contratar talentos brasileiros pode ser mais econômico para empresas americanas. Os salários para cargos seniores semelhantes no Brasil podem ser 30% mais baixos do que nos EUA.

Como as diferenças culturais impactam a integração de talentos internacionais nas empresas americanas?
Culturas diferentes têm normas de comunicação distintas, o que pode levar a mal-entendidos. Por exemplo, algumas culturas valorizam a comunicação direta, enquanto outras preferem uma abordagem mais indireta. Isso também envolve normas e expectativas de ambiente de trabalho, pois as diferenças culturais podem influenciar percepções sobre hierarquia, trabalho em equipe e equilíbrio entre vida pessoal e trabalho.

Como é feita a adaptação cultural?
São diversos programas de treinamento cultural para ajudar os funcionários internacionais a entender e se adaptar às normas de trabalho dos EUA. Isso inclui trabalhar estilos de comunicação, processos de tomada de decisão e expectativas no ambiente de trabalho. Também temos programas de desenvolvimento de liderança que enfatizam a inteligência cultural e a liderança inclusiva, que ajudam os líderes a gerenciar equipes diversas de forma eficaz e criar um ambiente de trabalho inclusivo.

Com sua experiência, como você vê a IA influenciando o futuro do recrutamento e da gestão de talentos na indústria de tecnologia?
Primeiro, ela melhora a eficiência automatizando tarefas demoradas como busca de candidatos, triagem de currículos e entrevistas iniciais, permitindo que os profissionais de RH se concentrem em atividades mais estratégicas. Segundo, melhora o alinhamento de candidatos ao analisar grandes volumes de dados para alinhar com os papéis mais adequados com base em suas habilidades, experiência e compatibilidade cultural, levando a decisões de contratação mais assertivas e reduzindo riscos. Além disso, a IA utiliza análises preditivas para usar dados históricos para prever quais candidatos têm maior probabilidade de sucesso em funções específicas, ajudando a tomar decisões de contratação baseadas em dados e refinar estratégias de gestão de talentos. Por fim, apoia o aprendizado contínuo e o desenvolvimento ao identificar lacunas de habilidades e recomenda programas de treinamento personalizados para os funcionários.

Que tipo de educação em TI está mais em demanda pelos recrutadores dos EUA?
Os recrutadores estão valorizando cada vez mais uma combinação de educação e habilidades práticas. Um mix de prática, certificações relevantes e um compromisso com o aprendizado contínuo. Há uma tendência crescente em direção à contratação baseada em habilidades [não apenas em tecnologia], particularmente em funções como desenvolvimento de software, ciência de dados e cibersegurança. Mas certificações reconhecidas na indústria são altamente valorizadas. Certificações de organizações como AWS, Microsoft, Cisco e CompTIA podem aumentar a empregabilidade de um candidato, pois demonstram proficiência em tecnologias específicas e são frequentemente vistas como um indicador confiável das capacidades de um candidato.

Quais são as principais razões pelas quais as empresas procuram a Korn Ferry, especialmente na indústria de tecnologia?
Muitos clientes pedem talentos com um novo conjunto de habilidades. A indústria de tecnologia mudou profundamente nos últimos 5 ou 8 anos em termos das competências necessárias, especialmente nas equipes de liderança. Habilidades como humildade, mentalidade de aprendizado, ser mais humano, acessível e próximo das equipes são algumas das competências exigidas para reter talentos e alcançar resultados rapidamente. Ajudamos a atrair, recrutar, treinar e também em reter os talentos de alto nível em diversos níveis funcionais, incluindo dados/analítica, nuvem, cibersegurança e desenvolvimento de software.

Como sua função na Microsoft moldou sua abordagem para gestão de talentos e estratégia na Korn Ferry?
Ter uma mentalidade centrada no cliente e focar em entender e atender suas necessidades foi e continua sendo primordial, além do uso de dados e análises para orientar decisões. É extremamente valioso na criação de estratégias e soluções baseadas em evidências, inovação, agilidade, liderança, desenvolvimento de equipes e uma perspectiva global, pois trabalhar em uma empresa global proporciona insights sobre mercados e culturas diversas.

Qual será o próximo grande passo para a Korn Ferry em termos de expandir sua influência ou serviços?
Recentemente adquirimos empresas especializadas em treinamento e desenvolvimento de liderança, como o Miller Heiman Group [desenvolvimento de vendas], AchieveForum e Strategy Execution. Esse movimento tem nos ajudado a fortalecer nossas capacidades. Em tempos em que líderes devem desenvolver novas habilidades para lidar melhor com mudanças constantes, novas gerações e as disrupções nos negócios, posso dizer que isso é altamente necessário. Mas também continuamos aprimorando as pesquisas para ajudar empresas a navegar no cenário em evolução do trabalho. Isso inclui abordar desafios como engajamento de talentos, construção de cultura, trabalho remoto, transformação digital, adaptabilidade da força de trabalho, entre outros.

POR MARCOS **STRECKER**
colaborou LETÍCIA **FRANCO**

OFF-ROAD
Robusto e ao mesmo tempo confortável, o Wrangler teve o interior reestilizado, traz novos bancos elétricos e central multimídia de 12 polegadas. No detalhe, o Gladiator

NOVOS JEEP

WRANGLER E GLADIATOR COM MAIS ACESSÓRIOS

Depois de lançar o Jeep Compass e o Commander com novas motorizações e renovar o lineup da Renegade, a Jeep lança no Brasil a nova linha 2025 de seus produtos mais voltados para o terreno fora de estrada. Os Jeep Wrangler e Gladiator ganharam mudanças no visual e também mais tecnologia. Disponível para o País na configuração Rubicon, que representa o DNA de aventura da marca, os modelos chegam com grade frontal e rodas renovadas e atualizações de estilo, além da conhecida capacidade off-road da grife. A novidade faz parte da renovação de portfólio da Jeep no Brasil, após as atualizações de outras versões da marca. O Wrangler e o Gladiator entregam, ao mesmo tempo, o design característico da marca, sua capacidade 4x4 off-road e a possibilidade de explorar o máximo de liberdade ao ar livre. Os novos modelos trazem interior requintado, novos bancos elétricos para os passageiros dianteiros e incluem vidros dianteiros acústicos e espuma adicional de isolamento para uma condução mais silenciosa. O interior renovado tem sistema multimídia touchscreen de 12,3 polegadas. No quesito estilo, as novas opções estão disponíveis nas cores Cinza Anvil, Azul Hydro, Azul Earl (disponível no Wrangler), Preto, Branco Bright, Cinza Granite e Vermelho Firecrakcer. Ambos os modelos podem ser adquiridos por R$ 499,9 mil.

TODOS OS ESPAÇOS

ANCEZKI COM DESIGN ATEMPORAL

A grife de móveis Ancezki acaba de lançar coleções com peças inspiradas na atemporalidade para ambientes residenciais e comerciais. Com assinatura de Asadesign, YE Design e Deivid de Almeida, o mobiliário é composto por peças ergonômicas. O destaque é a cadeira Enlace, da Coleção Sense, confeccionada com couro de pirarucu – um material que tem ganhado popularidade no Brasil e nos Estados Unidos nos últimos anos devido a sua sustentabilidade. Além do toque ambiental, o móvel foi pensado para despertar os sentidos. As formas arredondadas e os revestimentos das peças buscam transmitir aconchego, ao mesmo tempo em que conferem um ar atemporal ao décor. A cadeira Enlace está disponível por R$ 9,8 mil. Mais detalhes em ancezki.com.br.

WHISKY

GLENMORANGIE COM TOQUE ADOCICADO

A destilaria escocesa Glenmorangie, fundada em 1843 e conhecida pelo espírito de inovação no universo dos whiskies single malt, traz ao Brasil duas novas criações: o Nectar 16 anos e o Infinita 18 anos, ambos com toques adocicados. Os dois usam experimentos inovadores desde a maturação até o uso de barris feitos de espécies não tradicionais. O primeiro rótulo, o Nectar, é envelhecido durante 14 anos em barris de carvalho americano e, em seguida, transferido por mais dois anos para uma combinação de barris de vinhos de sobremesa, para um toque final doce. Já o Infinita é envelhecido durante 15 anos em barris de bourbon de carvalho americano, antes de uma parte ser transferida para barris de xerez Oloroso para maturação adicional de três anos. O resultado é um single malt complexo, com aromas picantes e caramelizados de frutas cítricas.

TÊNIS

UNDER ARMOUR PARA TRILHAS E RUAS

Inspirado na robustez da uma bicicleta Fat Tire, o tênis Fat Tire Venture Pro é o mais novo lançamento da Under Armour. O modelo foi fabricado com sola de borracha resistente para ir a qualquer lugar, principalmente nas trilhas ou nas ruas. Além disso, possui amortecimento responsivo que reduz o impacto, devolve energia e ajuda a impulsionar para a frente, carregado de conforto com máxima durabilidade e aderência única. Também apresenta parte superior leve e durável em tecido ripstop com sobreposição de camurça e atacadores extrafortes. Disponível em três opções de cores, azul, bege e vermelho, o tênis está disponível no site da marca (underarmour.com.br) no valor de R$ 1,1 mil.

JOIA

COLEÇÃO DE 140 ANOS DA **BVLGARI**

Roma sempre foi uma fonte de inspiração para a Bvlgari. Por isso, em celebração aos seus 140 anos, a maison italiana apresenta a coleção Aeterna, que presta homenagem à sua capacidade de se reinventar, interpretando o espírito de cada época. A coleção de alta joalheria contempla o colar Bvlgari Lotus Cabochon, uma interpretação contemporânea que apresenta cores vibrantes, que são marca registrada da grife conhecida como “mestre das gemas coloridas”. Essa criação, evocando a silhueta de uma gola de alfaiataria, apresenta linhas orgânicas e sinuosas que recriam a forma de uma flor de lótus, símbolo universal do renascimento. Rubelita, turquesa, esmeralda e ametista em lapidação cabochão são compostas sobre uma base dourada. Os preços são fornecidos apenas sob consulta.

LUSO-FRANCÊS
O chef Julien Montbabut no Monumental Palace, que fica no hotel cinco estrelas Maison Albar, na cidade do Porto

 FOTOS: DIVULGAÇÃO

SOFISTICADOS E SUSTENTÁVEIS

Três chefs portugueses que ostentam uma estrela Michelin mostram como o respeito à natureza e a busca de valores locais enriquece a gastronomia

Lorë KOTÍNSKI

O Relatório do Índice de Desperdício Alimentar de 2024 do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) revelou que 1,05 bilhão de toneladas métricas de alimentos foram para o lixo em 2022. Esse índice, somado aos 13% dos alimentos perdidos no mundo durante o percurso da exploração agrícola até a mesa, totaliza um terço de todos os alimentos desperdiçados. Se por um lado o número preocupa e assusta, por outro ele vem gerando uma onda positiva de ações efetivas em alguns setores, como a gastronomia. Em Portugal, por exemplo, o quarto país que mais desperdiça alimentos na Europa, segundo dados do INE e do Eurostat, há chefs que já praticam rigorosas formas de evitar o desperdício de alimentos acrescentado mais brilho e valor a suas estrelas Michelin.

No restaurante Loco, em Lisboa, do chef Alexandre Silva, que detém uma estrela no Guia Michelin, tudo o que se vê, come e bebe é para ser vivido como uma grande experiência de comunhão do que a natureza oferece unida à criatividade do chef. "Não planejo os pratos e depois vou em busca dos ingredientes. Pesquiso, vejo o que a natureza de Portugal nos oferece e, a partir daí, crio. Às vezes é uma erva daninha que se transforma em um molho, por exemplo", explica, entusiasmado, Alexandre. No seu Loco, com apenas sete mesas – isso mesmo, pequeno para ser exclusivo –, tudo respira sustentabilidade. Da política de desperdício zero, da compra de produtos locais, dos menores e mais legítimos produtores e pescadores, até as condições de trabalho dos colaboradores do restaurante, segundo ele, pratica-se responsabilidade social e ambiental.

Não por acaso Alexandre Silva tem uma unidade de pesquisa de novos ingredientes que tem o papel de identificar e testar todo o tipo de coisa que a natureza pode oferecer. Com 80% do seu menu baseado em peixes e mariscos, ele afirma que "todo o peixe, todas as carnes são nobres. Nós sempre cozinhamos com produtos portugueses, produzidos em Portugal. Temos o dever de apoiar a economia local. E pagar o preço justo pelo produto ao produtor e lhe mostrar um caminho para a alta gastronomia."

No mesmo sentido, mas no Norte de Portugal, no Porto, um francês faz alquimia na cozinha do hotel cinco estrelas Maison Albar – Le Monumental Palace. Julien Montbabut comanda o Le Monumental como quem rege uma sinfonia com a paixão de um iniciante, sem ser. Detentor de uma estrela do Guia Michelin, o restaurante é uma fusão perfeita entre a requintada técnica da cozinha francesa com a riqueza dos ingredientes que a natureza de Portugal e seus produtores locais ofertam. "Nossa principal política de sustentabilidade está baseada em dois pontos: desperdício zero e comprar sempre dos produtores locais, pagando o preço justo para eles", explica Julien.

Ele fala enquanto prepara, como quem cria uma pintura delicada, uma sardinha portuguesa elaborada de três diferentes formas em um mesmo prato. Dos peixes mais típicos portugueses nesses lados do Norte, a sardinha é comumente servida assada na brasa, mas não no Le Monumental. Pelas mãos de Montbabut prova-se sardinha curada no sal e levemente

MONUMENTAL Prato de Julien Montbabut no seu restaurante, no Porto: toque francês e desperdício zero

assada na hora, acompanhada de geleia feita a partir das cabeças e das espinhas do peixe, servida com lâminas de pepino, com funcho e, ao lado, um cone – quase um mini sorvete – recheado com sardinha assada, coberto com creme de funcho e limão. Uma explosão de sabores. Do peixe aos legumes, verduras e tempero e até flores, tudo vem dos arredores do Porto.

O chef Julien explica que é a vivência com os locais que o inspira a criar. "Todos os produtores de quem compramos eu visito pessoalmente. Nos meus finais de semana costumo sair para conhecer essas pessoas e seus produtos. Isso é o que mais faz perceber Portugal e me inspira a criar." Se não for arte e química, não tem a assinatura de Julien Montbabut. Não se pode deixar de experimentar ou experienciar – sim, viver a experiência – o prato de lavagante assado em brasa, defumado e servido com toranja, molho de vinho tinto do Douro – o rio que banha o Porto – e cabeças do lavagante e creme de pataniscas do crustáceo. Todo o menu pode ter até 13 pratos, harmonizados com vinhos da região do Douro. "Aqui não desperdiçamos nada dos ingredientes. Tudo se transforma em algo para comer: molho, geleia, base para defumar e decorar", garante o chef.

Do Vale do Tejo surge outro nome que ostenta uma estrela no Guia Michelin e que brilha ainda mais com lições de sustentabilidade e criatividade: o chef Rodrigo Castelo e seu Ó Balcão, em Santarém, com 29 lugares em um casarão de fachada amarela. É da sua horta orgânica que sai a maior parte dos ingredientes

LOCAL
O chef Alexandre Silva, que dirige o restaurante Loco, em Lisboa: criatividade e comunhão com a natureza

que vão nos pratos criados por ele.

Os peixes são os predadores do rio Tejo, aqueles menos ameaçados, e o pato também vem do rio. E dos produtos tudo ele aproveita, reduzindo índices de desperdício na cozinha e na mesa. Tanto cuidado é fruto de quem nasceu ali, na cidade de Santarém, a de Portugal, claro. E já rendeu ao chef um Prêmio de Sustentabilidade, uma estrela do Michelin, a estrela verde e o título de Chef do Ano.

"Não elaboramos pratos antes de saber o que temos na temporada, naquela época do ano. Aproveitamos o que a natureza oferece e buscamos não explorar aquilo que já está sendo muito usado", explica Rodrigo. No menu estão, por exemplo, ingredientes comumente considerados menos nobres, mas que ganham lugar de destaque e honraria na cozinha do chef Rodrigo. É o caso do siluro, peixe que é o maior predador do rio Tejo, que vem servido com algas do rio e berbigão. Ou o arroz cremoso de lagostins do rio, considerado uma praga, segundo o chef, e que faz sucesso no seu restaurante. Todos os restaurantes funcionam com reserva antecipada, especialmente na alta temporada europeia.

INGREDIENTES
No restaurante Loco, de Alexandre Silva, os pratos são criados a partir de uma unidade de pesquisa e produtos locais

SERVIÇO

Restaurante Loco (Lisboa, Portugal)
email: loco.reservas@alexandresilva.pt
Restaurante Le Monument (Porto, Portugal)
email: porto.reservations@maisonalbar.eu
Restaurante Ó Balcão (Santarém, Portugal)
site: tabernaobalcao.com

POR PAULA CRISTINA

■ **AÇÕES**

AGOSTO SALVA DESEMPENHO DA B3

No dia 20 de agosto de 2024, o Ibovespa não estava sozinho ao alcançar sua maior pontuação nominal da história. Outros dez índices da B3 também atingiram seus picos, refletindo um período de grande otimismo no mercado acionário brasileiro. Entre os índices que bateram recordes, o destaque vai para o IFNC (Índice Financeiro), que teve o melhor desempenho em agosto, com uma valorização de 13,78%. Já no acumulado de 12 meses, o IBSD (Ibovespa Smart Dividendos) liderou, com um ganho de 22,95%. Quando analisado o ano de 2024, o melhor desempenho foi do UTIL (Índice de Utilidades Públicas), que subiu 7,40%.

Além do Ibovespa, os índices que registraram suas maiores pontuações históricas em 20 de agosto foram: IFNC, UTIL, IBRA (Índice Brasil Amplo), IBXX (Índice Brasil), IGCT (Índice de Governança Corporativa Trade), ITAG (Índice de Ações com Tag Along Diferenciado), MLCX (Índice MidLarge Cap), IBXL (Índice de Blue Chips), IDIV (Índice de Dividendos) e IBSD. Segundo Einar Rivero, sócio fundador da Elos Ayta, responsável pelo levantamento, o cenário indica a resiliência do mercado acionário, em especial pela alta dos dividendos. "No entanto, setores como o de consumo ainda enfrentam dificuldades para recuperar suas máximas históricas."

3,4 bilhões É o valor a ser pago pela Petrobras aos acionistas sob forma de JCP e dividendos. A primeira parcela foi paga na terça-feira (20), e equivale a R$ 0,52 por ação ordinária e preferencial. A segunda parcela, de igual valor, será paga em 20 de setembro de 2024.

31 milhões Serão pagos aos acionistas da Vulcabras como título de dividendos intermediários, com valor por ação de R$ 0,12.O pagamento será realizado no dia 02 de janeiro de 2025, com base na posição acionária do dia 16 de dezembro de 2024.

CVM

CIA HERING E FABIO HERING ABSOLVIDOS

O Colegiado da Comissão de Valores Mobiliários (CVM) absolveu, por maioria, a Cia. Hering e Fábio Hering, presidente e membro do Conselho de Administração à época dos fatos, em caso que apurava suposto insider trading envolvendo a recompra de ações quando a empresa negociava a combinação de negócios com a Arezzo e o Grupo Soma.

O julgamento começou em maio de 2024, mas foi suspenso, e retomado na terça-feira (20) com a absolvição dos acusados. Na sessão de maio, o diretor relator Daniel Maeda votou pela condenação de Fábio Hering à multa de R$ 5,7 milhões e de R$ 17,2 milhões da Cia Hering. O processo administrativo sancionador foi instaurado pela Superintendência de Relações com o

Mercado e Intermediários (SMI) da CVM para apurar indícios de uso de informações privilegiadas para a compra de ações da própria companhia em momentos anteriores ao da divulgação ao mercado de eventos que causaram importante valorização nos preços do ativo. Os eventos que levaram à valorização das ações foram a recusa à proposta de combinação de negócios formulada pela Arezzo, divulgada em comunicado ao mercado em 14 de abril de 2021, e a efetiva combinação de negócios com o Grupo Soma, divulgada em fato relevante em 26 de abril de 2021.

AS SETE QUESTÕES ESSENCIAIS

CÉSAR SOUZA
FUNDADOR E PRESIDENTE DO GRUPO EMPREENDA

A maioria das empresas inicia o processo de planejamento estratégico tomando decisões precipitadas sobre o orçamento, a estrutura, a movimentação de equipes e os investimentos em instalações e equipamentos, dentre outros itens, sem alinhar previamente alguns pontos essenciais entre os acionistas, líderes e gestores do negócio.

Passados alguns meses, começam a sentir a dificuldade na execução, e potenciais conflitos começam a despontar, causados por percepções diferentes do rumo que deveria ter sido combinado, ou pelo menos conversado, antes de começar a ser percorrido.

O fazejamento sem alinhamento prévio tem custado muito caro em inúmeros empreendimentos. Pelo menos sete questões essenciais necessitam de uma reflexão e de definições bem mais profundas entre os investidores, os dirigentes e os gestores na linha de frente, antes da implantação de iniciativas isoladas:

• Qual o propósito do negócio e qual o posicionamento desejado pela empresa no mercado?

• Quais nichos de clientes que queremos servir, em determinadas oportunidades de mercado?

• Quais os resultados quantitativos e qualitativos desejados?

• Quais competências negociais precisamos adquirir para termos maior sucesso?

• Qual a estrutura e qual o perfil da equipe mais adequados para entregar os resultados desejados?

• Quais as atitudes que queremos ver praticadas? E quais são inaceitáveis?

• Quais as prioridades imediatas para construirmos um novo patamar para o futuro?

Essas questões parecem óbvias, mas têm revelado grandes surpresas. O grau de diálogo e negociação entre os líderes nos diferentes níveis nem sempre é razoável e, às vezes, temos a impressão que existem várias “empresas” dentro de uma só, consequência da disparidade de percepções sobre o negócio e a maneira como deve ser conduzido.

Visões divergentes levam à maior dispersão, bem como ao maior desperdício de tempo, energia e recursos financeiros. Além disso, muitas vezes geram conflitos internos que poderiam ser evitados pelo diálogo prévio, se devidamente instrumentado.

De forma semelhante ao que ocorre em uma corrida de Fórmula 1, quando o piloto e o carro precisam de um “pit stop”, uma breve pausa para ajustes a fim de aumentar as chances de continuar na competição, uma empresa também necessita de algumas breves paradas para uma “reflexão estratégica” e comprometimento sobre essas questões essenciais.

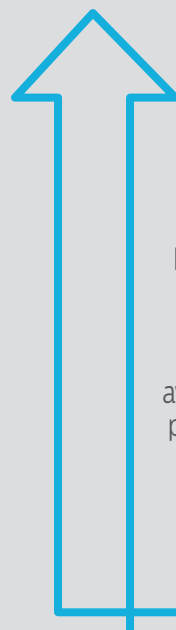
> “O ambiente do mundo corporativo complexo e disruptivo no qual vivemos, pleno de incertezas sobre o futuro, não permite mais improvisações”

Além do debate e combinações sobre esses temas que podem redirecionar a estratégia, um grande benefício desse fluxo é o compartilhamento dos caminhos escolhidos e, consequentemente, maior engajamento e comprometimento com os rumos da empresa e com a execução das decisões.

O ambiente do mundo corporativo complexo e disruptivo no qual vivemos, pleno de incertezas sobre o futuro, não permite mais improvisações nem um alto grau de decisões regadas por uma elevada dose de boas intenções, mas desprovidas de dados e fatos, baseadas apenas no “achismo” e no altruísmo de alguns.

As empresas precisam aprofundar e convergir o comprometimento dos líderes, dirigentes e gestores de forma contínua a, pelo menos, essas sete questões essenciais. Só assim poderão aumentar as chances de garantir o seu lugar ao sol no amanhã do universo empresarial.

ELE [ROMEU ZEMA] JÁ FALOU VÁRIAS VEZES DA PRIVATIZAÇÃO. SE EU NÃO QUISESSE, O QUE ESTARIA FAZENDO NAS CONVERSAS? NÓS QUEREMOS TAMBÉM, ACHAMOS QUE É UMA BOA SAÍDA

MÁRCIO LUIZ SIMÕES UTSCH
Presidente do conselho de administração da Cemig

+ 31%

Foi a alta do lucro líquido no segundo trimestre, na comparação anual, do banco digital PagBank, atingindo R$ 542 milhões. A receita líquida teve avanço de 19% na comparação anual, para R$ 4,6 bilhões. O crescimento se deu pelo aumento das receitas de maiores margens em serviços financeiros. O banco hoje tem 31,6 milhões de clientes.

R$

2 trilhões Foi o valor transacionado por meios eletrônicos de pagamento no Brasil no primeiro semestre de 2024, alta de 11,2% em comparação com igual período do ano anterior, disse a Abecs. Entre janeiro e junho de 2024, foram realizadas 22,1 bilhões de transações com cartões, o maior volume já registrado em um semestre.

US$

15 trilhões É o valor movimentado anualmente pela economia prateada, que envolve pessoas com mais de 50 anos em todo o mundo. Os números foram levantados pela consultoria Data8 e indicam que, no Brasil, esse perfil de consumidor movimenta, em média, R$ 2 trilhões ao ano.

- 0,67%

Foi a queda no preço do petróleo para contratos futuros na sessão de terça-feira (20), de olho nos desdobramentos do Oriente Médio. Na Nymex, o petróleo WTI para outubro caiu US$ 0,49, a US$ 73,17 o barril, enquanto o Brent para o mesmo mês, negociado na ICE, recuou 0,59% (US$ 0,46), a US$ 77,20 o barril.

A Binance, maior corretora de criptomoedas do mundo, anunciou na terça-feira (20) que estará distribuindo a memecoin Dogs (DOGS) para seus usuários. O projeto foi criado na rede Toncoin e já conta com mais de 16 milhões de seguidores em seu canal. No total, a Binance estará distribuindo 22 bilhões de DOGS. Embora ainda não tenha preço definido por não estar no mercado, a moeda pode ser encontrada na faixa dos US$ 0,0017 no pré-mercado. Portanto, a distribuição pode chegar a R$ 205 milhões (US$ 37,4 milhões). A DOGS será o terceiro projeto da Toncoin a ser listado na Binance.

 FOTO: ZANONE FRAISSATFOLHAPRESS

NÃO BASTA ACABAR COM OS LIXÕES, É PRECISO MUDAR O OLHAR PARA OS RESÍDUOS

BEATRIZ LUZ
É FUNDADORA E DIRETORA DA EXCHANGE 4 CHANGE BRASIL E DO HUB DE ECONOMIA CIRCULAR BRASIL

No início do mês de agosto, chegou ao fim o prazo para o encerramento total dos lixões nos municípios brasileiros. Apesar disso, o problema da gestão de resíduos, como um todo, ainda está longe de ser resolvido no País. Para isso, é preciso transformar o olhar de custos em um olhar de investimento, para que os materiais sejam mantidos em uso e preservem o seu valor por mais tempo, de maneira que a sociedade enxergue definitivamente o resíduo e as embalagens como ativo, não como lixo.

Os municípios brasileiros, responsáveis pelo cumprimento do prazo de encerramento dos lixões estipulado pela Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), devem ser o centro da mudança, materializando compromissos e criando um arcabouço favorável para a transição circular nas cidades. É urgente, neste sentido, a implementação de uma visão sistêmica, a estruturação de políticas de incentivo e uma nova governança que favoreça a estruturação de consórcios intermunicipais e modelos de negócios multissetoriais. Essa transição proporcionará, além dos óbvios benefícios para a saúde dos cidadãos e para os territórios, uma garantia de que as cidades serão mais resilientes aos efeitos das mudanças climáticas, com menos lixo e poluição e com um desenvolvimento em equilíbrio com o meio ambiente, protegendo sua biodiversidade e regenerando suas fronteiras.

Hoje, 55% das emissões globais vêm do uso de energia e 45%, dos produtos que consumimos no dia a dia, que muitas vezes são descartados de forma inadequada. Se mudarmos a mentalidade de produção e consumo atuais e dobrarmos a taxa de circularidade dos materiais, podemos reduzir em até 40% as emissões totais até 2050. Nessa corrida para o net zero, os resíduos devem ser convertidos e transformados em matérias-primas de baixo carbono. Atualmente, porém, segundo o relatório Circularity Gap Report 2022, a taxa de crescimento de extração de recursos ainda supera os ganhos de eficiência e recuperação de materiais secundários por um fator de 2 a 3.

Portanto, o gestor de resíduos tem o potencial de ser um grande catalisador dessa transformação do mercado, estabelecendo uma visão circular para os negócios. Está a seu alcance a geração de novas fontes de energia e a renovação do ciclo das matérias-primas, gerando insumos para mercados que demandam cada vez mais soluções de baixo carbono.

A mudança na maneira de olhar para os resíduos passa, definitivamente, por uma mudança cultural na forma de gerir os negócios. Primeiro, é preciso estimular o redesign de produtos, provocando a mudança em setores que produzam muitos resíduos e incentivando o design para durabilidade, reparo e uso de matérias-primas recicladas. Depois, é fundamental fomentar a formação de hubs de aceleração circular, que funcionam como coalizões de empresas reunindo vários elos da cadeia produtiva e diversos setores em modelos de parceria público-privada, auxiliando empresas e governos na transição. Estes ecossistemas se fortalecem ao estabelecerem uma agenda comum e relações de confiança que facilitam o acesso a dados confidenciais e aceleram o desenvolvimento de soluções circulares.

Por fim, a economia circular será fortalecida por um novo equilíbrio econômico nas cadeias produtivas globais. O esforço para alinhar, com detalhes, como se dará o financiamento de ações circulares é necessário e este ainda é um dos elementos que precisam ser definidos, por exemplo, no âmbito da Política Nacional de Economia Circular.

Seja na gestão de resíduos ou em outros setores da cadeia produtiva, a transição circular apresenta novas oportunidades de negócios ao redefinir o consumo, reequilibrar o poder e reimaginar a forma como usamos recursos (incluindo a mão de obra) e valorizamos os resíduos. É hora de reavaliar o processo produtivo, redesenhar produtos e serviços e redefinir valores, atitudes e comportamentos.

ARTIGO

POR **MARCOS STRECKER***

MAIS UM VOO DE GALINHA?

Apesar dos recentes dados favoráveis na economia, o governo Lula desperdiça oportunidades e investe em políticas que já deram errado

Os números relativamente favoráveis do PIB (alta de 1,4% em junho, pelo IBC-Br), os recordes seguidos do Ibovespa (acima dos 136 mil pontos) e o recuo do dólar nos últimos dias (ensaiando voltar à faixa de R$ 5,40) deram um alívio para o clima de pessimismo que vinha tomando conta do mercado. Com a cada vez mais provável queda dos juros americanos, em decisão a ser sacramentada pelo Fed no próximo mês, já há, ao contrário, quase um cenário de discreta euforia. Mas até que ponto esse otimismo vai se manter?

O ministro Fernando Haddad sapeca comentários à boca pequena para jornalistas dando conta de um crescimento irrefreável que afinal vai redimir o governo Lula de tanta incerteza. É da natureza do cargo e da função política. Faz parte da "job description", por assim dizer. Já a opinião dos operadores do mercado, resumida no Boletim Focus, do Banco Central, aponta que persistem os velhos problemas: a inflação não cederá (o IPCA deve acumular 4,22% este ano) e a Selic, como consequência, deve permanecer em 10,50% até o final do ano, frustrando a expectativa governista de queda de juros e mais espaço para a economia decolar.

"A ambição é o último refúgio do fracasso", dizia Oscar Wilde. Aos poucos, o governo Lula vai reacomodando as forças políticas que estavam em convulsão, atraindo o centro de gravidade do poder de volta para o Executivo, turbinando um STF cada vez mais alinhado ao Planalto e domando a fúria dos parlamentares por emendas e verbas. Como uma metamorfose ambulante, Lula começa a realizar novamente sua mágica de converter os contrários e fortalecer seu grupo político, reabilitando políticas fracassadas e normalizando práticas reprováveis.

Tome-se o caso da Petrobras. A petroleira que simbolizou a megalomania intervencionista e o aparelhamento político deslavado (alô, Nicolás Maduro) hoje está novamente abrigando petistas à farta em suas diretorias, recomprando refinarias recém-privatizadas e investindo em projetos que foram símbolo de desperdício e irracionalidade econômica, como a notória Abreu e Lima (PE). Até a volta do investimento no exterior já entrou no radar, pois a lição da aquisição estapafúrdia de uma refinaria inviável no Texas já foi esquecida. Ou tome-se o solapado Marco do Saneamento, que finalmente tiraria o País de índices vexatórios e medievais de atendimento à saúde do cidadão. Foi um dos primeiros alvos da nova gestão, e só sobreviveu (deformado) depois de muita pressão, ainda que permaneça ameaçado.

O talento de ilusionista do presidente já conseguiu dar ares de responsabilidade fiscal para uma gestão que promove gastos públicos sem freios, e que se escora em um Arcabouço Fiscal cada vez mais desacreditado. O truque agora é raspar o tacho de todas as verbas disponíveis para fechar as contas este ano, inclusive de depósitos judiciais, mesmo sendo claro para todos que não há equilíbrio à vista.

Diferentemente do discurso oficial, há uma enorme boa vontade com o governo Lula. Mas quem olha friamente para o rumo econômico do País tem razões para enxergar nuvens carregadas no horizonte, ao invés de uma pista livre para alçar voo. As reformas que deram mais otimismo e destravaram os negócios nos últimos anos estão em risco: autonomia do Banco Central, gestão profissionalizada das estatais, estímulo à concorrência, agências reguladoras fortalecidas, abertura para os investimentos privados e mercado de trabalho mais moderno. Para ficar nos exemplos mais recentes, a histórica Reforma Tributária, aprovada com festa há pouco mais de seis meses, está emperrada e corre um risco cada vez maior de ser desfigurada, eternizando vícios e privilégios. E o novo PAC, panaceia de investimentos dos governos petistas para levar o Brasil ao mundo desenvolvido, vira em sua nova encarnação um símbolo da incapacidade gerencial anacrônica e da miopia desenvolvimentista.

Há pouco mais de dois anos, o economista Marcos Lisboa escreveu um interessante artigo na *Folha de S.Paulo* sobre essa incapacidade de o País aprender com os seus erros. O título: "Compromisso com o atraso". Na mesma época, Lisboa estimulou a publicação de um importante livro organizado pelo economista Marcos Mendes: "Para não esquecer - Políticas públicas que empobrecem o Brasil". É um compêndio do que não se deve fazer. Ou melhor, das oportunidades que o País desperdiça, já que deixa de aprender e superar os obstáculos que impedem o desenvolvimento. Infelizmente, esquecer os grandes equívocos do passado parece ser uma sina. Mas tudo vai bem e futuro está logo aí, como dizia Oscar Wilde.

MARCOS STRECKER é jornalista, diretor do Núcleo de Negócios da Editora Três (ISTOÉ DINHEIRO, DINHEIRO RURAL** e **MOTOR SHOW**)*

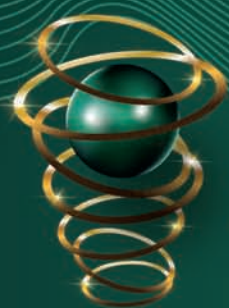
TOKIOMARINEHALL.COM.BR

CURTA O MOMENTO!
A TOKIO MARINE SEGURADORA
CUIDA DE TUDO.

Cia. Aérea Oficial: Mídia Partner: Apoio: Realização:

CRISTÁLIA
Sempre um passo à frente...
CLIENTES TOKIO MARINE TÊM BENEFÍCIOS *EXCLUSIVOS

Seguimos todos os protocolos internacionais de segurança e higienização. Menores de 16 anos somente acompanhados dos Pais ou Responsável Legal.
Os descontos não são válidos para meia entrada. Pré-venda (mínimo de 48 horas de antecedência do público geral) exclusiva para segurados ou colaboradores da Tokio Marine Seguradora S.A. ou corretores cadastrados no Portal do Corretor. Na pré-venda os 50 primeiros segurados ou colaboradores ou corretores têm direito a compra de 04 ingressos, por CPF, com desconto exclusivo de 50%. Atingidos os 50 primeiros CPFs e ainda estando dentro das 48 horas da pré-venda, segurados ou colaboradores ou corretores terão 20% de desconto até o limite de 30% da carga de ingressos. Após a pré-venda será aplicado o desconto de 20% para segurados ou colaboradores ou corretores, não cumulativo com outras promoções e limitado a 4 ingressos por CPF. Segurados passam a ter direito ao desconto um dia após a emissão da apólice e até o término da vigência do seguro. Seguros adquiridos por meio de apólices coletivas, certificados e bilhetes não participam da promoção. Todos os descontos desse regulamento são aplicados no valor do ingresso na data da compra e NÃO são cumulativos com outros descontos e outras promoções. A compra da meia-entrada é pessoal e intransferível e a legitimidade está condicionada à apresentação dos documentos que comprovem esta condição na entrada do espetáculo, conforme LEI Nº 7.844 DE 13 MAIO DE 1992. Capacidade máxima = 4.900 pessoas | Alvará Prefeitura:2024/02785-00 Val:16/05/2025 | Alvará Bombeiro: nº 605304 Val:06/10/2024. R. Bragança Paulista, 1281 | www.tokiomarinehall.com.br | GRUPOS: (11) 5646.2120

MINISTÉRIO DA CULTURA e TOKIO MARINE SEGURADORA apresentam:

2ª edição
PRÊMIO DE MÚSICA INSTRUMENTAL
TOKIO MARINE HALL

VOCÊ É MÚSICO?
INSCREVA-SE!
PREMIAÇÃO
+ DE R$200 MIL
EM DINHEIRO

Inscrições e mais informações
WWW.PREMIODAMUSICAINSTRUMENTAL.COM.BR

Curadoria:
Patrocínio:
Realização:
MINISTÉRIO DA CULTURA